



## ZICO ESTÁ DE SACO CHEIO

O maior artilheiro do Brasil está cansado. Este ano já jogou 60 vezes. Uma exploração brutal, que fez com que aos 30 anos o jogador fique mais no hospital que em campo. (Página 10)

# HORA DO POVO

ANO 1 — Rio de Janeiro, de 31/8 a 6/9 de 1979 — Nº 1

## Chagas está com câncer?



O Governador do Rio, Chagas Freitas está sofrendo de nefrite e câncer na bexiga. A crise pela sucessão já está deflagrada dentro do Chaguismo. Miro Teixeira leva vantagem, mas Israel Klabin corre por fora. Na confusão, Chagas Freitas parou a obra da Veplan em Itaipu, incentivada pelo prefeito de Niterói. (Página 5).

## MDB POPULAR GANHA TERRENO

Os setores populares chegaram até as vias de fato contra o adesismo nas convenções do MDB. (Página 4)

## EDITORIAL

**Hora do Povo** chega hoje pela primeira vez às bancas. E chega com o compromisso de ser um jornal popular, um jornal a favor dos que vêm sendo há 15 anos massacrados por um regime cuja política econômica e social só tem como objetivo encher a panela dos ricos. Uma política que este jornal vai combater sistematicamente, através de suas reportagens e análises, dando voz aos que não têm espaço nos órgãos de comunicação para protestar contra o que está aí.

Estamos conscientes de que esta edição é o início de um trabalho e que para fazer um jornal que reflita as dificuldades e aspirações do povo brasileiro há muito que aprender. E para isso este jornal está aberto à colaboração de todos: operários, estudantes, bancários, donas de casa, etc. Enfim, de todos os que sendo oprimidos não aceitam passivamente

essa opressão.

Neste encontro semanal com os leitores, **Hora do Povo** falará das atividades sindicais, dos assuntos mais palpantes do mundo do futebol, dos principais fatos políticos, da violência policial, de música, rádio e televisão e de inúmeros outros temas que fazem parte do dia-a-dia do povo. Sempre em linguagem simples, acessível, despretensiosa e com um toque de humor. Sim, porque estamos convencidos de que um jornal popular deve ser alegre, apesar da injustiça que predomina neste país.

Isso é **Hora do Povo**. Um jornal que não tem medo de se colocar abertamente ao lado do povo. Mesmo que sejam muitos os obstáculos a superar e os riscos a correr. Contando com você, leitor, estamos certos de vencê-los.

# Estado de Calamidade: TEM GENTE COMENDO RATO E BARATA

A informação é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O Governo para esconder a realidade da alimentação do povo proibiu sua divulgação, por ser "assunto de segurança nacional". Para disfarçar, disse que rato era "caça" e pó de telha "farináceo".



## E o jeito é protestar contra a carestia

Mas o povo sabe qual é a realidade nua e crua, e foi às ruas do Rio e São Paulo protestar contra a carestia e a inflação que, este ano, será de 60%. Está tudo caro, e "pobre só come carne em dia de festa". (Pág 3)

## 300.000 despejados

A Rede Ferroviária Federal quer fazer um Centro Tecnológico numa área de 40 milhões de metros quadrados, onde vivem 300 mil pessoas, que já avisaram: "só sairemos daqui mortos" (página 2)

## 40.000 explorados

Com greve em São Paulo e ameaçando parar no Rio, vigilantes pedem melhores salários. Empresas ganham 15 mil e pagam só três mil. Guarda trabalha 17 horas e a *guardete* não almoça (Pág. 7).

# 300 mil ficam sem casa em Nova Iguaçu

Elas chegaram aqui num carro escuro, começaram a rondar e a dizer pra todo mundo parar as obras nos barracos, porque a gente vai ter que sair daqui". Foi no início deste ano que começaram os boatos de remoção em Marapicu, zona rural de Nova Iguaçu.

É que a Rede Ferroviária Federal escolheu a região para ali construir o Centro Nacional de Tecnologia Ferroviária. A área escolhida abrange Austin, Queimados e Cabuçu, num total de 40 mil metros quadrados, o que dá três vezes o tamanho do município de Nilópolis. Depois de estudos em áreas do Espírito Santo, Minas e São Paulo, os tecnocratas da REFESA optaram mesmo por Nova Iguaçu. Eles dizem que "o terreno escolhido satisfaz a todos os pré-requisitos: terreno

amplio, estável, proximidade dos grandes centros culturais e industriais do país, facilidade de abastecimento de água e eletricidade e etc."

"Só que os tecnocratas, em seus gabinetes luxuosos e refrigerados, se esqueceram de um pequeno detalhe: nesta região "ideal" moram 300 mil pessoas, em 59 mil lotes; trabalhadores que, agora, estão convivendo com a ameaça de remoção.

### Coração na mão

Mas o susto do pessoal foi grande, porque a gente não tá aqui porque quer. É porque não pode ir pra lugar melhor. Ai quando vem a ameaça, a gente fica com o coração na mão".

Tudo em Marapicu é na base do "dizem". Assim, "dizem" que a REFESA vai dar a quem tem casa pronta 60 mil cruzeiros de indenização; aos que tem só o terreno, 20 mil, "e este dinheiro não dá nem pra dar a entrada num barraco. Um lote tá custando 250 mil e ai? a gente vai pra onde? Tem família com uma filharada, onde é que a gente vai por este pessoal?"

Os planos da REFESA prevêem o início das obras de infra-estrutura em 1980: talvez aí Marapicu receba finalmente tubulações de água, iluminação, esgotos. Porque, atualmente, a região não dispõe de mínimas condições de

serviços: "A água daqui é de poço mesmo, quando vem o tempo da seca os poços somem e a gente fica com sede mesmo".

"A única escola que tinha aqui eles derrubaram, depois iniciaram a construção de outra escola, mas ficou só nos alicerces. Ai a gente pegou uma salinha nos fundos de um armazém, e a escola tá funcionando lá. Mas a maioria das crianças tem que estudar em Cabuçu mesmo, e são Cr\$ 7,60 de passagem de ida e de volta".

Além dos loteamentos, o projeto da REFESA irá atingir 1.680 mil metros quadrados de bens públicos (praças, ruas e jardins) e 6.900 mil metros quadrados de outros locais públicos, além de pequenas indústrias, comércio, granjas avícolas, o que causará desemprego na região.



Ameaçados de remoção, para construção, ali, do Centro de Tecnologia da RFFSA, moradores de Marapicu, com o coração na mão, não sabem para onde terão de ir

## Ônibus só a 20 cruzeiros

As empresas de ônibus que servem aos bairros da Zona Oeste do Rio (Campo Grande, Bangu, Santa Cruz etc.) estão tirando de circulação os ônibus normais e colocando em seu lugar os chamados "ônibus especiais", com passagens que custam de 15 a 20 cruzeiros e que fazem linha direta, sem pararem nos pontos no meio do caminho. Estes ônibus são "especiais" só no nome: os veículos estão caindo aos pedaços e acabam levando o mesmo tempo para chegarem no centro da

cidade: de uma a duas horas.

Com esta manobra das empresas, os moradores da região, que normalmente acordam às cinco da manhã pra pegar no batente às sete, acabam tendo mesmo que pegar os "especiais", pois não podem se dar ao luxo de ficar horas no ponto esperando pelos "paradores". Representantes de Associações de Moradores da região já estiveram com os donos das empresas. Estes alegam que "empresa de ônibus não é rentável".

## Ameaça: 40 mil no olho da rua

Também no Rio Grande do Norte a situação se repete: o pânico, a insegurança e o medo passaram a fazer parte da vida de 40 mil pessoas, que vivem na região onde será realizado o Projeto de Irrigação do Baixo-Açu, do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS). O projeto irá deslocar os habitantes de seis municípios do Vale do Açu: São Rafael, Açu, Ipanguaçu, Furucutu, Santana dos Matos e Parauá. São Rafael, cidade com 3 mil habitantes, será totalmente invadida pelas águas da represa.

inquieta, pois o DNOCS não dá informação alguma a ninguém sobre quando e como serão feitas as remoções, quanto será pago de indenização. Lá só se sabe que o projeto irá beneficiar os grandes fazendeiros, que terão água em abundância para suas plantações e pastagens. Mesmo que 40 mil pessoas paguem por isto com a perda de seus lares e suas roças. No último dia 12, porém, houve uma concentração de trabalhadores de todo o Vale do Açu no Município de Ipanguaçu, a 214 km de Natal. Lá eles decidiram que "a luta do"

## Capim avança, Rio devastado

O Rio de Janeiro está perdendo 1.659 quilômetros quadrados de florestas e áreas verdes por ano. Hoje já existem 281.520 quilômetros quadrados de áreas que foram florestas, e agora estão cobertas de capim, ou desertas.

Segundo o diretor do Departamento de Parques e Jardins, "de 100 árvores que plantamos, 85 se perdem. Nas Zonas Norte Sul o automóvel é o gran-

de predador. Os comerciantes também colaboram para a morte das árvores, porque não gostam de árvores que escondam seus letreiros".

"Plantar árvore é uma ação ingrata, porque ela leva 30 anos pra chegar a um bom tamanho. Uma árvore chega a viver 200 ou 300 anos. Nós que plantamos agora não vamos usufruir de sombra destas árvores. Nossos netos é que vão."

## Hora do Povo

Uma Publicação de HORA — Serviços Jornalísticos e Editora Ltda.

DIRETORES: Claudio Cardoso, João Urbano de Resende Costa e Pedro de Camargo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: Pedro de Camargo.

EQUIPE: Ricardo Bueno (editor chefe), Ricardo Lessa, Mário Victor, Hamilton de Souza, Octávio Tostes, Diler Stein, Paulo Fortes, Clóvis Magalhães Costa, Antonio José Mendes, Marcos Penchel, Rogério Carneiro, Sérgio Sbragia, Flávia Camargo, Luis Trizmano, Maria Eugênia Castro, Lia Ribeiro da Silva, Cida Ferraz, Raul Milliet e André Andriez.

COLABORADORES: Aldir Blanc, João Saldanha, Marcos de Castro, Raymundo de Oliveira, Almir Pazianzo, Ricardo Gontijo, Fernando Moraes, Antonio Carlos Carvalho, Alvaro Caldas, Marcos Aarão Reis, Carlos Alberto Dória, Wilson Thimoteo, Jane Peters, Agner, Mariano, Juliano, Bellário França, Eduardo Magalhães, Feliz Carvalho, Tereza Cristina e Alan Albuquerque.

CORRESPONDENTES: Brasília — Memélia Neiva Moreira; Belo Horizonte — Vicente Santana; Porto Alegre — Rodolfo Reichelgel de Lucena; Recife — Janina Adamina; Salvador — Nilton Nascimento.

SECRETARIA: Maria Inês Fabrício, Maria Aparecida Zanon Monteiro, Jefferson Douglas, Raimundo Medina.

DISTRIBUIÇÃO: Luis Rodolfo Castro, João Carlos Moraes Rego, Roberto Cardoso, Luis Carlos Cavalcanti e Jailton.

DEPARTAMENTO JURÍDICO: Roberto de Bastos Lellis, Luis Eduardo Greenhalgh.

PUBLICIDADE: Ricardo Meneghini, Helder Paraná do Couto e Ana Maria Vinhas.

RIO DE JANEIRO — Redação, Administração, Publicidade — Rua Buenos Aires, 204/4º andar — Tel: 224-5169.

SÃO PAULO: Rua Domingos de Moraes, 1338.

Impressão na Editor Mory Ltda, Rua do Resende 65/67 — PABX 221-3773

Distribuído por Fedeção Chinaglia Distribuidora S/A

ASSINATURAS: SEMESTRAL — Cr\$ 220,00; ANUAL — Cr\$ 440,00; PERMANENTE — Cr\$ 5.000,00.

**Aldir Blanc:**  
Classe-média deita e rola na sua própria ignorância

## O classe média

"Classe-Média" mora aqui perto, num edifício novinho chamado Banheira de Marat. O nome sutil foi sugestão da sogra do administrador regional da Tijuca e fica bem na entrada, em letras góticas, ladeado pelos estatutos do Condomínio — uma singela miniatura de leis de exceção, advertindo e punindo cachorros, papagaios, velocipedes, maíãs (fardão pode), e, fundamentalmente, "recomendando" o uso do elevador de serviço para empregadas. O imóvel é mais um descalabro — com a aquiescência das autoridades — de Júlio Prateado & Almeida, Desprendimentos Imobiliários (três andaimos despendidos durante a obra. Quatro mortos.).

O "Classe-Média", funcionário da Previdência Social, com um vago curso superior (biriba no 10º andar?), adora imóvel, ele próprio, um deles. O imobilismo do "Classe-Média" é coisa de anedota. Por exemplo, a história do cafezinho. Todo santo dia, o "Classe-Média" sai atrasado pro trabalho, mas dá uma paradinha pra um cafezinho no buteco da esquina. Engole o bruto e vai, invariavelmente, resmungando: cafezinho desgraçado. Há anos que ele reclama do café: tá frio!, queime a língua, é velho, cheio de pó... Semana passada, o portuga da caixa deu o troco: "os incomodados do café mudem". "Quase apanha do 'Classe-Média'". Não pelo tom grosseiro da resposta, mas por ter ousado falar em mudança. Ai de quem tentar tirar do "Classe-Média" o prazer da autoflagelação. Ele ama ir pro trabalho reclamando, com o dia "estrugado" pelo "cafezinho sem-vergonha". Essa pequena contrariedade justifica seu atraso sistemático. E um belo dia, justificará também o tão sonhado desfalque. O atraso, o sonho dourado do desfalque, a tara na mulher do vizinho — cultos da Idolatria do Ilícito, onde o "Classe-Média" é Sumopontífice. Sintam esses mecanísmos em ação: "Classe-Média" chega na repartição uma pilha de nervos, fumando um cigarro atrás do outro. A cara é de quem sofreu um rude golpe. Pinta a pergunta: "Que cara é essa? Qual é o galho?" Resposta do "Classe-Média", fazendo surf nas ondas do próprio sofrimento: "Minha vizinha. Uma coisa de louco, Casada". Com preocupações desse tipo, trabalha mal e porcamente. Gosta disso. Mas leva uma esculhambação do chefe-de-seção e vai à forra no garoto do — já adivinharam — cafezinho. O garoto não chia. Já sacou que o "Classe-Média" se segura quando é pisado de cima, mas detesta (teme) contestação de subalterno.

Outra faceta: deita e rola na própria ignorância. Houve época em que o "Classe-Média" manobrava sua sofisticada marmitta de almoço lendo os artigos do Prof. Roberto Campos (Bob Field, pros íntimos). Ao fim da leitura e do almoço, expelia, com um arrotinho, o comentário: "Genial, esse Roberto Campos. Li de fio a pavio e não entendi bulhufas. Um crânio! Aliás, pra mim, economia é o seguinte...

E aí o "Classe-Média" emprega o tom professoral cuidadosamente guardado pra essas ocasiões. É um mestre no que a sabedoria popular classifica, nesses tempos cavaleares, de bojejo. Retórico do bafo-de-boca, esgrimista do chute, mago de lero-lero, consagrado Doutor de Merda!

Isso me faz lembrar uma reunião sobre direito autoral. Foi no MAM, antes do churrasco. Um compositor (tá bem, era baiano) declarou para a posteridade que o problema era "de choque intergaláctico". Um bojejo e tanto, né?

Agora, sobre a falada cordialidade do "Classe-Média", um aviso: MANTENHA DISTÂNCIA!

Autor de elogios no diapasão "é preto, porém bom médico", "Classe-Média" é um contemplativo da violência que pratica. Dirige com a cabeça pra fora do carro, disparando "coxuda", "bunduda", etc., mas, quando é correspondido à altura dá uma de elevador: cai em si e se quebra todo, "esse mundo tá perdido". Se, nessas aventuras automobilísticas, atropela alguém, não vacila: foge. Mais dia, menos dia, encontrando a vítima no buteco, propõe "esquecer aquele negócio todo" e faz questão de pagar... o cafezinho!

## Governo amordaça favelas

"Este negócio de governo é uma piada. O governo nunca fez nada pelas favelas, tudo o que existe aqui foi feito pelos moradores. O Estado só faz obra em tempo de eleição." O presidente da FAFERJ, Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, Irineu Guimarães, não esquenta a cabeça quando tem que falar do governo e das repartições criadas por ele para tratar do assunto favela: Irineu mete o pau mesmo.

"A Fundação Leão XIII, por exemplo, foi criada pelo Decreto 3330 para assessorar as Associações de Moradores. No entanto, na prática, ela sempre funcionou como um órgão disciplinador e que amordaçou as Associações estes anos todos. A Fundação não permite a mobilização das comunidades em torno da discussão e defesa de seus interesses. Ela tem até um Departamento de Remoção de Favelas. Aliás, para nós a Fundação tem seu nome ligado mesmo é à política de remoção. E não tem nada que meta mais medo num favelado do que o fantasma da remoção".

Irineu Guimarães está na presidência da FAFERJ desde 28 de maio, depois de vencer nas eleições a antiga diretoria, no poder há doze anos. Durante a campanha eleitoral teve de tudo: Irineu foi chamado de subversivo, os antigos diretores tentaram invalidar a votação na Justiça, fizeram o diabo mas Irineu acabou vencendo. Depois de tomar posse ele pôde ver que a situação da FAFERJ e das 500 Associações a ela filiadas não era nada boa: desmobilização e desinteresse total dos moradores, que não viam nas Associações seus órgãos representativos.



O presidente da FAFERJ, Irineu Guimarães, quer derrubar a lei contra as Associações

criação de núcleos de discussão nas comunidades e de quatro Delegacias Regionais da FAFERJ na Zona Sul, Centro, Leopoldina e Zona Oeste. Nestes cinco meses a FAFERJ já deu posse a 15 diretorias de Associações e fundou mais cinco. Também colocou em funcionamento o Departamento Jurídico da Federação, que funciona todas as 2ªs. feiras na Rua São Paulo 1 (Jacaré) e está aberto a qualquer favelado.

### Ameaça constante

Mas os planos de Irineu vão mais longe. Ele quer iniciar uma ampla discussão com todos os órgãos e entidades ligados à questão das favelas, para que se crie uma lei que substitua o Decreto 3330 que, segundo ele, "está para as Associações como o Ministério do Trabalho está para os sindicatos". Ele quer que o Estado subvencione o desenvolvimento e a urbanização das favelas, e a gente vai ter que desentupir por nossa conta porque se for esperar o Estado estamos roubado."

Desde que tomou posse na presidência da FAFERJ, Irineu Guimarães iniciou um trabalho de mobilização das Associações, com a

mais de 100 mil habitantes e não existe nem uma pracinha. Sei de muitas outras comunidades na mesma situação".

Mas o problema mais sério para Irineu ainda é a desmobilização das próprias comunidades, e o descrédito que muitas Associações ainda têm junto aos seus associados. "Para discutir este assunto vamos realizar um Encontro Estadual de Favelas, onde inclusive iremos examinar um projeto que está sendo feito pelo arquiteto Oscar Niemeyer, de construção de casas populares e de urbanização de favelas.

Irineu Guimarães disse também que "o problema das favelas deve passar para a área municipal porque está mais do que provado que a Fundação Leão XIII não está interessada em nos ajudar, muito pelo contrário". A ameaça de remoção continua a rondar muitas comunidades: "Não é só o governo, há os interesses dos grupos imobiliários, dos elementos que se dizem proprietários das terras onde moramos. Para enfrentar esta ameaça constante, temos que estar fortes e unidos".



César Campos: "Só os ratos aparecem."

Entrevista com Cesar Campos da Federação de Associações de Moradores.

"De pouco adianta se construir Postos de Saúde nas favelas, Conjuntos Habitacionais e loteamentos, se antes não forem resolvidos os problemas ligados a esgotos e saneamento". Esta afirmação é do presidente da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro, Cesar Campos. Segundo ele, o principal problema encontrado em todos os locais onde esteve ligado é a falta de saneamento básico e das mínimas condições de higiene.

Apenas 10% das casas em Campo Grande, por exemplo, contam com redes de esgotos. Para o restante a solução está no despejo em valões e nos rios. Como a Conlurb quase nunca aparece por lá, quem acaba aparecendo são mesmo os ratos, baratas, vermes. Esta situação se repete em todos os bairros da Zona Oeste, nas favelas, nos loteamentos da Baixada.

Depois das Shs, morre

Outro problema é o da água: "Em algumas regiões existe até tubulação, mas o Estado até agora "se esqueceu" de fazer a ligação com a rede de abastecimento d'água", diz Cesar Campos. É o caso de Magarça

teamentos, se antes não forem resolvidos os problemas ligados a esgotos e saneamento". Esta afirmação é do presidente da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro, Cesar Campos. Segundo ele, o principal problema encontrado em todos os locais onde esteve ligado é a falta de saneamento básico e das mínimas condições de higiene.

Apenas 10% das casas em Campo Grande, por exemplo, contam com redes de esgotos. Para o restante a solução está no despejo em valões e nos rios. Como a Conlurb quase nunca aparece por lá, quem acaba aparecendo são mesmo os ratos, baratas, vermes. Esta situação se repete em todos os bairros da Zona Oeste, nas favelas, nos loteamentos da Baixada.

Depois das Shs, morre

Outro problema é o da água: "Em algumas regiões existe até tubulação, mas o Estado até agora "se esqueceu" de fazer a ligação com a rede de abastecimento d'água", diz Cesar Campos. É o caso de Magarça

em Guaratiba, do Jardim Maravilha e de Antares.

Para completar o quadro, o atendimento médico e hospitalar praticamente não existe. Em Cidade de Deus, por exemplo, o Pronto Socorro funciona em horário comercial, de 8 às 5 da tarde: "Se alguém ficar doente às cinco e quinze vai morrer sem atendimento. Em Cidade de Deus criança não pode nascer depois das cinco". Além disso, em Cidade de Deus não há ambulância. Qualquer remoção de doentes em estado grave tem que ser feita de táxi.

A Federação das Associações de Moradores — fundada em janeiro de '78 e que já conta com 20 Associações filiadas — está em contatã com o Sindicato dos Médicos para estudar estes problemas e propor soluções que permitam a criação de um Plano Municipal de Saúde. Para Cesar Campos "o que houve estes anos todos é que a população foi marginalizada. O governo se afastou e se fechou. Os técnicos do Estado se isolam e acabam criando soluções mirabolantes para os problemas da comunidade, mas que nada tem a ver com a realidade".

A carestia avança a cada dia. Em agosto foi a vez do arroz, do milho, do leite e do bujão de gás.

# A panela do povo está vazia.

No último dia 26 "comemorou-se" em 11 estados brasileiros o Dia Nacional da Luta Contra a Carestia. No mesmo dia, a Fundação Getúlio Vargas divulgava que, em agosto, o custo de vida subiu 6 por cento. Julian Chacel, diretor do Centro de Estudos e Pesquisas da FGV, disse então que "temos que estar preparados para altas taxas de inflação nos próximos meses".

A partir do dia 1º de setembro a gasolina vai subir de Cr\$10,20 para Cr\$14,30 o litro, um aumento de 40 por cento. O bujão de gás (13 quilos) passa de Cr\$ 109,20 para

Cr\$ 120,10. Mas tem mais, muito mais. O Leite C, aquele mais vagabundo, já subiu de Cr\$ 7,00 para Cr\$ 7,80. O arroz vai subir 20 por cento, passando para Cr\$ 16,00 o quilo.

O milho também subiu para Cr\$157,00 a saca (aumento de 10 por cento) e em outubro e novembro vai ter mais dois aumentos, chegando a Cr\$190,00 a saca. Acontece que o milho é usado como ração na criação de porcos e galinhas que, logicamente, terão seus preços aumentados.

Até agosto o índice de inflação chegou aos 40 por cento. Segundo o próprio IBGE, até o fim do ano

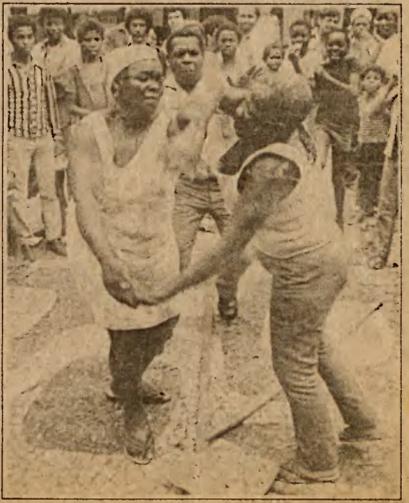
estes índices chegarão a 60 por cento. E o que é pior, é o item alimentação que mais contribui para o aumento do custo de vida. Pior ainda, é nas famílias mais pobres que a alimentação mais pesa no orçamento. Assim, enquanto que numa família que recebe mais de 10 salários mínimos por mês o dinheiro gasto com comida representa apenas 26 por cento do total, numa família que recebe até dois salários mínimos por mês a comida entra com 51,4 por cento das despesas. Ou seja são justamente as famílias mais pobres que estão pagando mais caro por esta inflação alucinada que está aí.

**Carne só em dia de festa**  
"Diziam que com o novo presidente ia baixar os preços, mas tá é aumentando tudo". É o desabafo de D. Rosana, há uma hora e meia chacoalhando num trem da Central, com seus dois filhos pequenos. Um deles dormiu e só será acordado em Nova Iguaçu, ponto final da viagem. Ela conta: "Agora graças a Deus tá dando pra gente comer, porque meu marido arranhou um emprego de motorista. Ele acorda todos os dias às quatro da manhã, eu só vejo ele de noite. Mas quando a gente tava na pior o jeito era comer ovo mesmo."

"Pra pagar passagem, marido trabalhando, filho trabalhando, a gente deixa de comer muita coisa." É o que diz Valdivina da Silva, que mora num loteamento em Cabuçu: "A gente entra no açougue só pra sentir o cheiro da carne, porque comer que é bom não dá mais... E as coisas não param aí: "O ônibus este ano já aumentou quatro vezes, era Cr\$ 4,70, passou para Cr\$ 5,60, Cr\$ 6,60 e está agora em Cr\$ 7,60. E ninguém dá a menor satisfação".  
"Você olha só o caso do óleo. Tem o óleo de soja, tabelado a Cr\$ 28,00. Só que ele não aparece, você não encontra ele em lugar

nenhum. Só se acha os óleos mais finos, que não são tabelados, e o português cobra Cr\$ 38,00, quarenta, quanto ele achar que deve cobrar. E a gente precisa de óleo, se tem este dinheiro compra; se não tem o jeito é tapear com um pedaço de toucinho," diz d. Maria José, que mora no km 32 da Estrada da Serra da Madureira, em Nova Iguaçu.  
Ela continua: "E olha que o toucinho também já tá caro, eles tão cobrando preço de carne, Cr\$45,50. Eu fico rodando com a bolsa de compras, descubro onde tem óleo, corro lá, às vezes chego a tempo, às vezes não."

## A BRIGA PELA XEPA



Aconteceu na feira de Laranjeiras, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Duas "xepeiras" (que vivem de catar restos no final da feira) brigam a pauladas. Um reflexo das dificuldades porque passam as pessoas mais pobres e uma mostra de que a luta pela obtenção de alimentos está cada vez mais feroz. No Brasil, alimentação está virando luxo.

## Contra o sufoco

A face a Cr\$ 4,00 o litro; ovos de granja a Cr\$ 19,00 a dúzia; Cr\$ 11,00 o quilo de cenoura; Cr\$ 5,00 o quilo de batata, cheiro verde a Cr\$ 1,00 o molho, e por aí vai. Estes são os preços dos produtos vendidos pelo Mutirão organizado todos os sábados pelos moradores da Rua Lauro Müller, na Urca (Zona Sul do Rio de Janeiro). O Mutirão, promovido pela Associação dos Moradores da Lauro Müller é um sucesso que já se repete há três fins de semana, e é uma saída que o pessoal encontrou para pelo menos amenizar a alta cavalada do custo de alimentação.

A idéia é muito simples, conforme explica Zuleica Jorgensen, uma das diretoras da ALMA: "As sextas-feiras à noite uma comissão de moradores vai à CEASA e compra os produtos, principalmente legumes, verduras e frutas, a preço de atacado. Depois a gente vem aqui pra área de lazer que fica atrás dos prédios da rua, e começa a empacotar e separar os diversos produtos. São vendidos a preço de custo, apenas em alguns produtos

a gente aumenta cinquenta centavos por unidade, para pagar os gastos com gasolina, frete do caminhão."

"Virando festa"

No primeiro mutirão foram postos à venda uma tonelada e meia de produtos, que acabaram em 45 minutos. No segundo mutirão, já foram seis toneladas, também vendidas rapidamente.

"E o mais importante — diz Zuleica Jorgensen — é que o mutirão está sendo uma forma muito eficaz de mobilização e dos moradores da rua, e de conscientização deles em relação ao problema do custo de vida. A vigília das noites de sexta-feira, que é quando a gente separa e arruma o material que vai ser vendido no sábado, está virando uma festa, um encontro entre todos os moradores. Todo mundo ajuda, desde crianças de seis anos até uma senhora de 76 anos. Sempre aparece um omelete com os ovos, que quebraram, café e batida. Estamos pensando até em promover uma seresta."

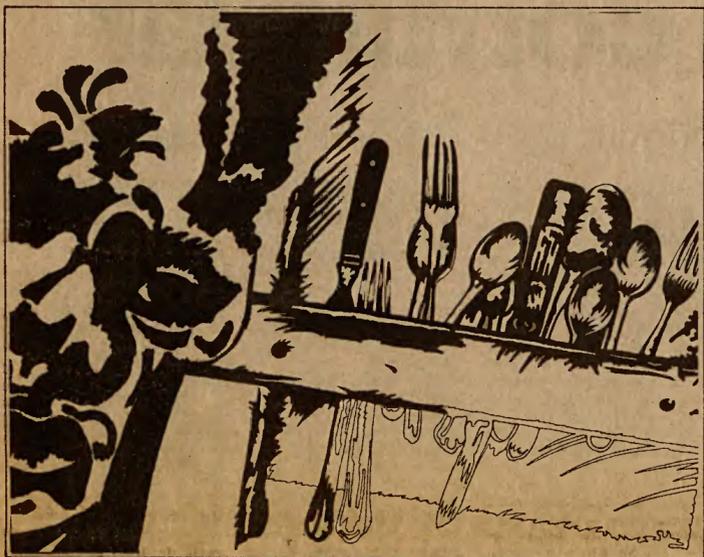
Agora a ALMA pretende promover discussões, duran-

te a vigília: "A gente tem que discutir o porquê da gente ter que pagar mais caro pelas coisas. Quais são as causas, como se pode ter soluções concretas para o problema do custo de vida."

Como agir

D. Zuleica dá algumas dicas para outras associações que queiram aplicar a idéia do Mutirão: "É bom chegar na CEASA com o caminhão lá pelas oito ou nove da noite de sexta, que é quando começam a chegar os caminhões com os legumes e verduras. É bom visitar o maior número possível de bancas de venda, para escolher o melhor preço e os melhores produtos. Depois, fazer um mapa, porque senão o caminhão vai se perder lá dentro, porque o CEASA é enorme."

Apesar de não resolver o problema da alta do custo de vida, o mutirão pelo menos dá uma ajuda no orçamento: "E além disso o Mutirão fortalece a Associação, e mostra que, se a gente se une e se organiza, a gente pode fazer alguma coisa."



No último domingo fez um ano o abaixo-assinado contra a carestia, com um milhão e meio de assinaturas, considerado "falso" pelo governo. Hoje a situação está muito pior, e a luta contra a carestia envolve todos os brasileiros. Porque cada vez mais a vida está pela hora da morte.

## Breve será proibido comer

Cinco mil pessoas em São Paulo e quase 500 no Rio se reuniram no último domingo (26) para protestar contra a alta do custo de vida. A polícia esteve presente nos dois atos, tentando intimidar, mas sem sucesso. As duas manifestações foram organizadas pelos Movimentos Contra a Carestia (MCC) e tiveram a presença de sindicalistas, parlamentares, mas os mais aplaudidos foram os oradores populares. Dona Socorro, que abriu a manifestação paulista re-

presentando a Comissão das Donas de Casa, mostrou para todo mundo sua leiteira e disse:

— O povo não bebe leite, o povo só bebe água. Só falta o Figueiredo baixar um decreto proibindo o povo de comer.

Dona Socorro e os outros oradores seguiram pelos coros: "abaixo a carestia, a panela está vazia"; "o povo unido jamais será vencido"; "o povo não tem medo, abaixo Figueiredo".

No Rio o movimento começou a ser preparado no dia 19, quando os representantes dos movimentos de

bairro se reuniram no pátio da Igreja da Conceição. Isto porque o Cardeal Eugênio Salles, que é muito diferente de Dom Paulo Evaristo Arns, proibiu a realização da reunião dentro da Igreja.

### Panela Vazia

A manifestação em São Paulo foi na Praça da Sé, em pleno centro da cidade, e até peça de teatro houve. Os atores eram Madame Inflação, Salário Mínimo, Carestia, Figueiredo e Delfim. O público cantava: "Olha aí João Batista

Deste jeito não dá Com este nosso salário Que nós não vamos pra?"

No Rio, foram 52 oradores que falaram no Sindicato dos Metalúrgicos representando 70 entidades. Entre eles um representante do Movimento contra a Alta do Custo de Vida de São Paulo que lembrou o abaixo-assinado de um milhão e meio de assinatura entregue em Brasília no ano passado.

Ela disse que os representantes do Movimento que foram entregar o documento foram recebidos pela Polícia: "É assim que

o Governo recebe o povo quando vai reclamar que a vida tá cara".

O representante dos trabalhadores rurais que compareceram a manifestação de São Paulo reclamou reforma agrária, porque só isso vai encher a panela do povo e não o palavrório do Delfim. "É o trabalhador rural — disse ele — que, com seu trabalho, planta e colhe o alimento e nós vamos fazer a reforma agrária nem que seja no pau".

O advogado José Carlos Dias, da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo lembrou que no último dia

27 de agosto, data da fundação do Movimento Contra a Alta do Custo de Vida o povo foi impedido de se manifestar na mesma Praça, "mas hoje a praça voltou a ser do povo."

A Deputada Irma Passoni explicou que o Movimento é contra a política econômica nacional, contra o milagre e a enganação do povo. Para ela permanecem levantadas as bandeiras do ano passado quando o movimento do custo de vida apoiou a campanha salarial dos sindicatos, trabalhando pelo fundo de greve e pela unidade popular na frente oposicionista.

### Leite ruim pode dar cegueira

A decisão do Ministério da Agricultura de reduzir de 3 para 2 por cento a percentagem de gordura no leite foi denunciada em Recife como "causadora da carência de vitamina A no organismo, o que pode provocar um surto de cegueira infantil, semelhante ao verificado em Recife em 1952".

A denúncia é do médico-sanitarista pernambucano Orlando Parahym, professor da Universidade Federal de Pernambuco. Segundo ele "a redução da vitamina A poderia ser compensada com o aumento no consumo de outros produtos como a manteiga, o queijo e a cenoura. Acontece que, de todos os alimentos, os mais caros são os gordurosos. Com isto, reduz o teor de vitamina A no leite, poderá trazer efeitos terríveis para as populações mais pobres."

### BNH: 50% das prestações em atraso

Mais da metade dos mutuários das Companhias de Habitação não estão com o pagamento das prestações de suas casas em dia. São dados divulgados pelo IBGE, segundo os quais, no último dia 30 de junho, 51,6 por cento dos mutuários estavam com suas prestações em atraso, correndo o risco de serem despejados. Ainda segundo o IBGE as despesas com habitação representam, em média, 23 por cento das despesas das famílias mais pobres. Estes gastos são superados apenas pelos de alimentação.

### Telefone em carros: Que luxo!

Enquanto isto, o presidente da Telerj informa a quem interessar que, a partir de 1980, passarão a ser oferecidos os sistemas de telefonia móvel, ou seja, telefones em carros. É verdade que o luxo custará os olhos da cara: só a aparelhagem sairá por Cr\$ 129 mil, instaláveis em 18 meses. A taxa mensal será de Cr\$ 3.672,00, com direito a 50 chamadas.

Apesar dos preços meio indigestos, sem dúvida os proprietários de Mercedes, Alfas e Landaus não perderão mais esta oportunidade de brilharem junto aos amigos, e matarem de inveja os concorrentes. Já para o simples mortal que batalha pra comprar um telefone pelo Plano de Expansão, o jeito é continuar rezando para que não chova...

### Funabem devolverá menores

A partir de 1980 a Funabem começará a devolver às famílias, as crianças atualmente sob custódia do Estado. Para a manutenção destas crianças, a Funabem dará aos pais, mensalmente, de meio a um salário mínimo. Segundo a presidente da Fundação, Ecléia Guazelli, "o plano de apoio à família será o primeiro no sentido de redistribuir a renda no país".

Atualmente a Funabem tem 40 mil crianças sob custódia, quase nada num país com 15 milhões de menores carentes e abandonados. A própria presidente da entidade reconheceu que a quantia a ser dada a cada família não resolverá os problemas de alimentação, transporte, escola e outras necessidades da criança.

## NOVA LIVRARIA Leonardo da Vinci

- LIVROS E CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO PARA TODAS AS ESPECIALIDADES
- FRANCÊSES, INGLÊSES E ESPANHÓIS
- SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL E AÉREO



ABERTA DE 9 ÀS 19 h (SABADOS ATÉ ÀS 12 HORAS)  
AVENIDA RIO BRANCO, 185 - LOJAS 2/3/9  
Edifício Marquês do Herval - Rio de Janeiro - RJ  
Telefones: 224-1329 e 252-7192



Representantes de Chagas Freitas apelaram de todas as maneiras nas disputas pelos diretórios do MDB no Rio. O vereador Edgar de Carvalho chegou a puxar um revólver contra representantes das forças democráticas.

RIO

A força e a disposição com que os parlamentares populares entraram na disputa pelos diretórios zonais do MDB do Rio, durante as eleições de domingo último, obrigou ao Governador Chagas Freitas e seus asseclas a apelar de todas as maneiras — impugnou chapas, fraudou, comprou voto e até revólver usaram — para manter o Partido como um curral eleitoral particular. E mais uma vez foi obrigado a demonstrar que não passa de um penetra no Movimento Democrático Brasileiro.

Os parlamentares populares filiaram mais de 1 mil novos militantes para as eleições dos diretórios e registraram 13 chapas nas 25 zonas. Chagas primeiro escondeu as listas de eleitores de cada diretório para que os autênticos não pudessem atingi-los com suas campanhas e através da manipulação da Justiça Eleitoral impugnou a maioria das filiações e cassou nove chapas.

Os opositores autênticos mesmo assim partiram para disputar os diretórios com as chapas impugnadas, tentando registrar um alto nível de votos nulos para pedir a impugnação da eleição. Durante as eleições, entretanto, ficou demonstrado não existem diretórios do MDB do Rio. E os autênticos opositores começaram a organizar, para dar ao MDB do Rio a estrutura democrática que o Sr. Chagas, só de pensar sente arrepios.

O governador e seus prepostos querem que o Partido continue dividido como nos currais eleitorais do interior: cada diretório pertence a um dono que decide quem votará em quem. E naturalmente sempre é reeleito.

A pejeira

Logo na campanha de filiação os candidatos populares desmascararam o mito chagista. Muitos "emedebistas" nem sabiam que eram filiados, outros juraram que eram da Arena e outros tantos nem existiam. Os diretórios — que eram para ser 25 — nunca existiram. Seus endereços eram as casas dos caciques de cada zona eleitoral. Na quarta zona eleitoral, de 200 endereços percorridos apenas seis pessoas foram encontradas. Nunca participaram da vida partidária, mas eram conhecidos de Paulo Duque, o cacique local.

Foi na disputa das eleições, no domingo, que o ambiente esquentou. Nas quatro zonas em que os chagistas não conseguiram evitar a participação dos verdadeiros opositores recorrem de novo à violência para impedir a votação nas chapas autênticas, que responderam à altura.

Na 5.ª Zona, uma das que a chapa opositorista foi impugnada, o vereador Edgar de Carvalho Júnior — chagista — chegou a apontar um revólver para um militante do MDB. Seus capangas, vendo que os opositores estavam tendo muitos votos, o que poderia anular a eleição, acabaram dando cadeiradas, pauladas e pedradas para se verem livres dos democratas que faziam sua campanha. Os autênticos mostraram que também são bons de briga e o fato foi registrado na 12.ª DP, em Copacabana, com o número 002278.

Nesta mesma zona, os mesários arrancavam aciniosamente os votos opositoristas das mãos dos eleitores, rasgando-os em seguida. Esta prática acabou levando a um conflito com o general Tácito de Freitas, presidente do Conselho de Defesa da Amazônia, que queria votar na oposição e teve seu voto rasgado. O general protestou e votou na marra.

Na 6.ª Zona, a esposa do vereador Antonio Carlos de Carvalho foi agredida e as fraudes foram tantas que o próprio vereador vai pedir a impugnação das eleições. No balanço final, os opositores levaram o 17.º Diretório Zonal com 60% dos votos. Na 16.ª Zona tiveram 25% dos votos, tendo, portanto, direito de indicar delegados. Em todas as zonas, as chapas impugnadas tiveram 20% dos votos. Com estes resultados, Chagas continua controlando o MDB-RJ, pois os diretórios é que indicam os delegados e estes decidem quem pode ser candidato a deputado, senador, e governador. Tudo indica, porém, que seu fim está próximo, pois suas práticas não serão mais toleradas pelo avanço das forças democráticas.

S.PAULO

Na capital de São Paulo deu Goldman com 171 votos (23,76%), Orestes Quercia com 102 votos (15,93%), Franco Montoro com 207 votos (32,34%), e Fernando Henrique com 160 votos (25%).

Isto espelha bem a situação do MDB em São Paulo: um avanço dos candidatos comprometidos com as forças populares como Goldman e Fernando Henrique.

Novos ventos estão soprando no MDB-SP. As convenções distritais e municipais do último dia 26 correram em meio a intensa mobilização das bases do partido, havendo uma verdadeira campanha eleitoral e um clima de eleições diretas.

Confirmaram-se os resultados da Convenção de 1.º de julho: os setores autênticos e populares avançaram no MDB paulista, em meio à dinamização da vida do partido. Particularmente os grupos ligados ao suplente do senador F. H. Cardoso e ao deputado federal Alberto Goldman, conseguiram as maiores vitórias nas convenções distritais e municipais. E como no episódio da aprovação da Carta de S. Paulo, a 1.ª de julho, as bases partidárias repudiaram com firmeza os adesistas do governo e os amigos do sr. Maluf.

Os resultados

Em apenas 8 dos 55 diretórios existentes na capital de São Paulo não houve convenções. Em mais de 30 diretórios houve chapa única, muitas vezes de composição entre diferentes correntes do Partido. Os resultados já computados esta semana apontam grande crescimento das correntes de Alberto Goldman e Fernando H. Cardoso, permanecendo ampla a influência do senador Franco Montoro.

Os melhores resultados de Goldman foram no Alto da Mooca, onde obteve 80% dos votos e em Vila Mariana, onde a chapa do deputado estadual Antonio Resk elegeu 9 delegados à Convenção Regional, enquanto a situação conseguiu apenas 5



Campanha da anistia sensibilizou a todos.

Projeto do governo não enganou ninguém.

Numa das sessões mais tumultuadas do Congresso e com manifestações em todos os pontos do país — no Rio 20 mil foram as ruas na maior passeata desde 1968 — foi aprovada a anistia restrita. O projeto avante do governo e as demonstrações populares a favor da sua ampliação dividiram o próprio partido do governo, fazendo 15 arenistas se posicionarem contra a proposta governista.

A própria apresentação do projeto da anistia pelo governo já foi resultado da mobilização popular a favor da libertação e da volta de todos os presos e exilados políticos. As manifestações que ocorreram em todo país e a pressão popular na galeria da câmara por pouco não viraram a mesa. Por seis votos apenas passou o projeto do gover-

no. Com mais quatro teria passado a anistia irrestrita.

A força do movimento popular pela anistia irrestrita só demonstra que não está distante a ampliação da anistia a todos os perseguidos pela ditadura militar. Os discursos nas manifestações populares ressaltaram que o povo arrancou a anistia parcial, para trazer de volta e libertar muitos de seus maiores líderes, e reforçar a luta pela libertação e o retorno de todos os presos e exilados políticos. Os presos políticos em greve de fome a favor da anistia ampla geral e irrestrita (no Rio eles permaneceram 32 dias sem comer) consideraram a aprovação da anistia restrita um primeiro passo, uma primeira vitória na luta pela anistia total.

Ficou claro que o povo não descansará enquanto



Anistia total, nova etapa da luta para conseguir libertar todos os presos políticos.

Anistia: luta vai continuar

Cavalos contra passeata

não tiver de volta em seu meio seus melhores companheiros. E não convenceu a ninguém a tentativa do governo de dizer que a anistia era um presente — Figueiredo chegou a dizer que era um bombom — para enfraquecer a vontade do povo.

O centro das grandes cidades ouviu e aplaudiu os gritos das passeatas: "terrorista é a ditadura, que mata e tortura". "Quem matou e sumiu com centenas de presos políticos? Quem patrocina o genocídio cotidiano contra as populações miseráveis de nosso país? Quem matou centenas de trabalhadores que ousaram a lutar pelos seus direitos?" perguntou um operário metalúrgico paulista falando na primeira manifestação no Rio. A resposta vinha num coro. O regime militar foi o único terrorista no

Brasil. Foi ele que torturou, matou, e exilou milhares de brasileiros. Foi ele quem instaurou no país o terror das populações pobres, o salário de fome, a intervenção nos sindicatos, a mortalidade infantil, a repressão sistemática, a supressão dos mínimos direitos humanos, a ditadura selvagem das grandes empresas capitalistas, numa só palavra, a miséria coletiva.

Na terça-feira, 28, os primeiros presos políticos beneficiados pela anistia começaram a deixar a prisão. Os movimentos pela anistia de todo país agora se preparam para receber os primeiros exilados. Brizola chega no início de setembro na cidade de São Borja. Miguel Arraes e Márcio Moreira Alves chegam dia 16 de setembro e Vladimir Palmeira volta em outubro.

Desde às quatro da tarde milhares de brigadianos, mais a tropa de choque e cavalariões, ocupavam o centro de Porto Alegre. Seu objetivo: impedir a realização do ato público pela anistia ampla, geral e irrestrita, convocado por mais de 30 entidades, que deveria acontecer às cinco da tarde daquele dia 22, em frente à prefeitura.

Mas nem o aparato policial, nem as assustadoras evoluções dos brigadianos em ordem unidade impediram a manifestação popular. Em menos de meia hora os articuladores do ato público resolveram mudar o programa, transformando o comício em passeata. E centenas de pessoas caminharam pacificamente desde a esquina da Borges com a Rua da Praia até a Assembléia Legislativa, numa passeata por mais de dez quadras.

Foi a última — marcando o protesto popular contra a aprovação da anistia restrita pelo Congresso Nacional — de uma série de manifestações realizadas durante o mês de agosto. O primeiro Ato Unitário aconteceu no dia oito, quando foi tomada a decisão de manter uma vigília até o dia 14, considerado pela UNE Dia Nacional de Luta Pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita.

Neste dia os manifestantes se somaram aos operários da construção civil em greve que haviam ganhado o centro da cidade. Acabaram por enfrentar a repressão policial. Na paulista, onze pessoas tiveram que ser medicadas.

A luta pela anistia continuou nas ruas durante a semana seguinte: mais três passeatas foram realizadas.

Na Bahia, espancamentos

A presidente do Movimento Feminino pela Anistia, da Bahia, comentando sobre a decisão da ditadura em não anistiar aqueles que pegaram em armas contra o governo, acha que mesmo sendo restrita representa uma vitória da oposição. Segundo o presidente do núcleo baiano do Comitê Brasileiro da Anistia, Joviano Neto, o projeto aprovado anistia irrestritamente aqueles que torturaram os presos políticos,

mas afasta centenas de pessoas que, por não tolerarem mais a opressão, lutaram contra o governo de armas na mão.

Em Salvador, a denúncia do caráter restritivo do projeto da anistia, levou estudantes, profissionais liberais, setores da igreja, parlamentares, movimentos de bairros, entidades estudantis, sindicatos operários e oposições sindicais, às praças da cidade, em manifestações que foram duramente reprimidas



Nas mobilizações populares, o projeto capenga do governo foi atacado e desmoralizado.

Pesquisa farjuta

Os jornais do dia 28 publicaram outra pesquisa do IBOPE afirmando que o Presidente Figueiredo é mais popular que Miguel Arraes em Pernambuco, mais simpático que Lula em São Paulo e melhor que Brizola no Rio de Janeiro.

Depois os jornais explicam que ouviram 300 pessoas nas grandes cidades para chegar a esta conclusão. Deve ter sido 300 do Ministério do Exército ou algo parecido. E mesmo que fossem 300 nas ruas não seria uma boa mostra para uma população de 5 milhões.

Em todo caso, para que fazer tanta pesquisa: Gallup, Ibope etc? Bastava usar um sistema antigo e muito em voga nos países civilizados: Eleição direta para presidente. Se o João diz mesmo que é o bom vamos ver se ele vence o Arraes nas urnas, ou o Brizola, e quem sabe até o Lula.

Só a Secretaria de Comunicação do Governo ainda não notou o ridículo destas pesquisas, feitas de forma ambígua, que tentam impingir a opinião pública uma imagem do Presidente, que nem de longe consegue encobrir a verdadeira impopularidade do regime — largamente

demonstrada nas urnas. Além do mais, como é que se pode responder uma pesquisa com liberdade se não há segurança para o cidadão expor suas opiniões.

Estudantes: em campanha

Os estudantes universitários de todo Brasil começam em setembro as campanhas para as eleições para as diretorias da UNE e UEE-RJ. Nos dias 1 e 2 de setembro se realizam as convenções para a apresentação das chapas que concorrerão para as duas entidades, a primeira em São Paulo e a segunda no Rio.

Duas chapas já se apresentaram para a disputa. A primeira, encabeçada pelo estudante de engenharia da USP, Paulo Roberto Massoca, diretor da UEE-SP, foi lançada em Fortaleza durante a SBPC, lançando a proposta "Unidade da UNE" para solucionar os problemas que afligem o conjunto dos estudantes: alimentação, ensino pago.

Como proposta política mais geral a chapa defende uma frente de todo o

povo contra a ditadura e por um governo popular. A segunda chapa já lançada é encabeçada pelo baiano Rui Cesar do DCE-UFBA, e tem na diretoria Marcelo Barbieri e Alon, ambos da UEE-USP. Uma terceira chapa vem sendo articulada pelas atuais diretorias do DCE-UFF, DCE-UFMG e DCE-UFRRGS.

Para a UEE-RJ já foram lançadas as candidaturas de Luís Mariano, do curso de engenharia da PUC e Amâncio da UFRJ. Outra chapa deverá surgir composta pelos Diretórios da Fluminense e Rural. As eleições serão nos dias 3 e 4 de outubro tanto para a UNE como para a UEE.

... E a TFP foi em cana

O principal dirigente da filial francesa da TFP — a Sociedade que defendia a moral, bons costumes e tradição da família brasileira em passeatas com vimentos pela anistia e todas as forças democráticas estão atentas para esta possibilidade.

27 de julho pela polícia de Paris, acusado de vigarices.

Além de passar cheques sem fundo, Martim Afonso, que é também diretor do escritório parisiense da Construtora Adolpho Lindenberg, de São Paulo, deu trambiques de 5,5 milhões de cruzeiros, apanhando empréstimos para a TFP, sem pagar. A prisão do diretor — solto no último dia 7, mas retido na França —, coincidiu com uma série de queixas de pais de alunos da escola Saint Benoit, mantida pela TFP, de comportamentos estranhos de seus filhos, por influência da organização.

Onde está Theodomiro?

A advogada Ronilda Noblat do preso político Theodomiro Romeiro dos Santos, que fugiu da Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, há 10 dias, levantou a possibilidade de Theo ter sido morto ou estar preso em algum órgão de segurança. E acha que se ele não aparecer em nenhum lugar do mundo nos próximos dias, esta hipótese poderá ser confirmada. Não será o primeiro morto ou desaparecido pelos chamados "órgãos clandestinos de repressão". Os movimentos pela anistia e todas as forças democráticas estão atentas para esta possibilidade.

# Chagas Freitas está com câncer?

Henrique Davidovich e Carlos Campos

O governador do Rio de Janeiro, Chagas Freitas, está gravemente doente e terá que se afastar do cargo em futuro próximo. O deputado federal Miro Teixeira, afilhado político de Chagas Freitas, já está governando de fato. Ele será o candidato que a corrente chaguista do MDB apoiará nas eleições que devem ser convocadas para substituir o Poderoso Chefe carioca. A luta nos bastidores, no entanto, poderá alterar os planos traçados na medida em que apareçam novos candidatos dentro do chaguismo. O prefeito do Rio, Israel Klabin, é um dos nomes cotados como alternativa ao de Miro Teixeira. A briga está apenas começando, mas promete muito.

Chagas Freitas tem uma grave nefrite nos rins, que já teria evoluído para câncer na bexiga com complicações renais sérias. Ele está fazendo duas diálises (limpezas do sangue) por semana, já que um dos seus rins foi extirpado e o outro não funciona mais. O câncer é de evolução lenta, mas o quadro clínico do governador indica que a doença encontra-se em estágio avançado. O médico de Chagas é o doutor Sérgio Aguinaga, titular de urologia da UERJ.

### Amarelado...

Segundo pessoas que recentemente estiveram com o governador, Chagas apresenta aspecto bastante doentio, já apresentando coloração amarelada. Desde o ano passado circulam insistentemente,

na área política, informações de que Chagas estaria com câncer. Em janeiro deste ano, os jornais cariocas *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa* noticiaram que o chefe dos chaguistas havia estado nos Estados Unidos para fazer um check-up médico e na viagem teria sofrido um enfarte. Na realidade, comprovou-se depois que o check-up era uma forma de esconder o tratamento das suas complicações renais.

Deputados chaguistas, no entanto, negaram a doença, afirmando que o poderoso chefe apresenta ótimo estado de saúde. Eles costumam dizer que tudo não passa de intriga dos inimigos de Chagas Freitas.

### Sucessão de Chagas

A doença de Chagas tende a provocar uma crise de proporções no interior do MDB do Estado. As lutas de bastidores devem mexer não só com as divisões dentro da corrente chaguista, mas também com os interesses da adormecida corrente amaralista (Amaral Peixoto).

É tudo muito simples. De acordo com a lei, se Chagas vier a se afastar do governo do Estado antes de fins de 1981 (18 meses antes do término do mandato), como parece mais provável, serão convocadas novas eleições. Mas como não poderia deixar de ser, o processo será indireto e com cartas marcadas. Caso o afastamento ocorra depois

deste período, o vice-governador Hamilton Xavier (representante da corrente chefiada pelo senador biônico Amaral Peixoto) cumprirá a parte restante do mandato.

Talvez seja por isto que o líder emedebista na Assembleia Legislativa do Estado, Jorge Leite, intimamente ligado a Chagas Freitas, recusou-se a considerar a possibilidade de um afastamento do governador. Já o líder da Arena na Assembleia, Wilmar Palis, achou muito lógico que Miro Teixeira seja o sucessor de Chagas. Segundo o deputado, "é só isto que ele quer, mais nada."

— Se o governador está ou não doente não sei, mas o fato incontestável é que não tem mais o mando. Atualmente, quem

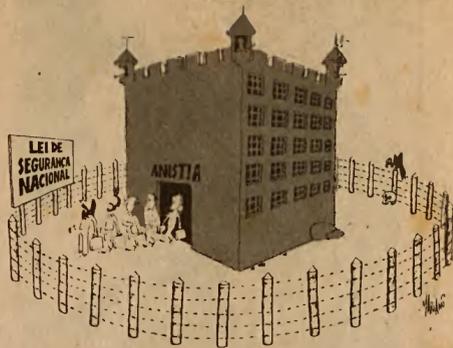
manda é o deputado federal Miro Teixeira, que já quase não comparece mais a Brasília. Segundo Wilmar Palis, o poder de Miro é tal que, de uns tempos para cá, qualquer nomeação no Estado tem que passar pela sua aprovação.

### Miro está mandando

Miro Teixeira passa, atualmente, quase todo o tempo no palácio Guanabara, sede do governo estadual. Só quem não acredita na história da sucessão é o jovem deputado Leonardo Klabin, embora tome cuidado para não se comprometer.

— Não gosto nem de pensar no afastamento do Doutor Chagas, porque ele é muito respeitoso, muito inteligente e muito capaz.

## Mariano



## Veplan quer ocupar Itaipú

Dois terços da lagoa de Itaipu, em Niterói, foram aterrados ilegalmente pela Veplan-Residência, através de uma empresa de seu Grupo, a Itaipu Companhia de Desenvolvimento Territorial. O aterro provocou grandes desequilíbrios ecológicos na região afetando inclusive a vida dos pescadores.

A Superintendência Estadual de Rios e Lagoas — Serla — embargou a obra, seu primeiro embargo este ano, aplicando também sua primeira multa, no valor de Cr\$ 685 mil e mais uma multa diária, que pode ir de Cr\$ 6.850 a Cr\$ 685 mil. O valor total dependerá do tempo que a Veplan demore em assumir sua responsabilidade frente à infração cometida contra a população. O prazo para o pagamento, aliás, esgotou-se no último dia 26.

O problema, no entanto, não se resume a uma mera infração das leis relativas à proteção de rios e lagos. Ele envolve também políticos da área estadual e o ex-ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, atualmente um dos mais importantes diretores da empresa.

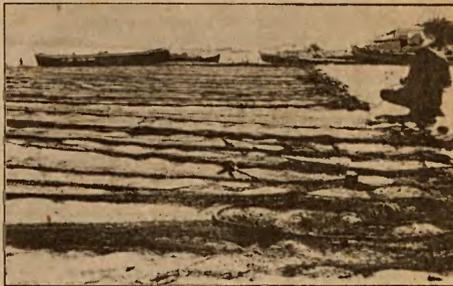
### Chaguistas e Amaralistas

No âmbito estadual, o embargo reacende a velha briga entre os Amaralistas e os Chaguistas. O próprio prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, que é o réu na ação, irá depor na ação popular aberta pelos pescadores da região contra a Veplan-Residência. Segundo as versões correntes nos bastidores do governo do Estado, a obra contaria com o apoio do prefeito, um dos principais representantes do Amaralismo no interior do Rio de Janeiro.

O ex-ministro Reis Velloso seria um dos trunfos da empresa para tentar contornar a questão suscitada com o embargo das obras. As negociações nas altas esferas da política estadual não tiveram ainda seu desenlace.

A Ação Popular em defesa do patrimônio público foi aberta por três pescadores de Itaipu, Oscar Antunes da Silva, Jonas Rodrigues dos Santos e Márcio Rodrigues.

Os pescadores protestam contra os abusos da empresa, já conhecida como uma das maiores poluidoras



Complô de grandes aterra Lagoa

do estado. Exigem das autoridades a restauração do patrimônio público e a proibição da apropriação por particulares, "por mais ricos e poderosos que sejam", de bens que são do país, do Estado do Rio de Janeiro e de uso comum do povo. Em resumo, os pescadores denunciam na Justiça a tentativa da Veplan-Residência de transformar rios e lagos em propriedade particular, o que, segundo as Constituições federal e estadual, são de inteira propriedade da União.

### Mordomia para os ricos

Os pescadores também denunciam que a construção do projeto chamado "Comunidade Planejada de Itaipu" provoca alterações importantes na lagoa de Itaipu, modificando o panorama da região, destruindo a vegetação, diminuindo a fauna terrestre e aquática.

O projeto da Veplan é tão ambicioso que lotes de 600 metros quadrados estão sendo vendidos na base de Cr\$ 5 milhões e o que se pretende é transformar a tal comunidade em um local para fim de semana de ricos, principalmente de São Paulo. Mas as vendas não reagiram satisfatoriamente, sobretudo depois que o Estado de São Paulo denunciou os problemas que a obra enfrentava. A milionária campanha de publicidade nos principais canais de televisão brasileiros também não renderam os frutos desejados. A Veplan já apelou com

recursos apresentados ao governo de Chagas Freitas, tentando neutralizar por cima os problemas que estão pegando por baixo, nas áreas técnicas governamentais. A título de exemplo, o recurso da Veplan não poderá ser estudado pelo Banerj antes de seja feito no Banerj do depósito da multa de Cr\$ 685 mil. É evidente, no entanto, que a Veplan está tentando ganhar tempo para mexer os pauzinhos nas altas esferas, embora já tenha contra ela um embargo federal.

O Secretário de Obras do Estado, Emílio Ibrahim, já foi procurado pelo ex-ministro do Planejamento (em pessoa) para discutir o assunto. As condições de negociação ficaram, porém, difíceis, porque o assunto já entrou nas esferas administrativas do governo do Estado e passou também ao terreno da Justiça, onde o Secretário de Obras está na condição de réu.

O problema corre sérios riscos de pipocar ainda mais. Até agora, três anos depois de ter apresentado o ante-projeto da obra da chamada Comunidade Planejada de Itaipu, a Veplan ainda não apresentou o projeto definitivo da obra, que já está quase pronta. E isso era condição essencial para que os trabalhos pudessem começar. Mais grave ainda é que a extensão do projeto da Veplan não coincide com a escritura apresentada, o que pode representar que a empresa esteja comendo terrenos de propriedade de outras pessoas.



Carlos Alberto Muniz no primeiro dia fora da clandestinidade passeou na Pça. 15.

Sergio Shragia

# Clandestino volta às ruas

Líder de 68 passou 10 anos foragido

Ex-presidente da União Metropolitana dos Estudantes Cariocas, Carlos Alberto Muniz, é o primeiro anistiado a sair da clandestinidade. Na terça-feira logo após a sanção do projeto de anistia, ele telefonou para a companheira, Angela, irmã do Deputado Estadual Raymundo de Oliveira e avisou que no dia seguinte estaria no gabinete do parlamentar.

Seu primeiro ato, depois de 10 anos de clandestinidade, foi preencher a ficha de filiação do MDB, onde ele pretende atuar politicamente para transformá-lo num partido popular. A principal preocupação, para ele, é a manutenção da unidade da oposição e de todos os setores populares na luta pela derubada da ditadura militar.

Muniz de 35 anos foi presidente da UME entre 1968 e 1969 e do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1967 a 1968 e desde então, com a assinatura do Ato Institucional número cinco

passou a viver na clandestinidade. Ele foi acusado de organizar o Congresso de Ibiúna, passeatas e de ter bolado a ocupação simbólica do prédio da UNE.

### Luta Armada

Muniz, ao lado de vários companheiros, participou da luta armada entre 69 e 71. Quanto a possíveis erros ele declara: "a gente nunca acerta sempre. Os erros são corrigidos no processo de crítica e autocrítica". "O que posso dizer — continua — é que não erramos quando unimos nossas forças contra a ditadura. Nunca fizemos nada contra o povo. Sempre estivemos do lado do povo. Quem, durante estes quinze anos, só fez coisas contra o povo foi a ditadura. É a ditadura que está permitindo a devastação da Amazônia pelos monopólios, está querendo acabar com a Petrobrás, que levou o povo a miséria."

O ex-presidente da UME acha que a luta hoje é pela manutenção do MDB; é impedir o adiamento das

eleições de 80 e a aprovação do voto distrital. Para ele é preciso expulsar logo o Chagas Freitas e o adesismo do MDB para que o partido possa se ver de conduto para o sentimento opcionista do povo.

### Participação

Ele acha que é dentro do MDB que os ativistas devem exercer a prática política. Ele pretende lutar ao lado dos parlamentares populares, fazendo comícios, participando "agora de corpo inteiro no movimento popular". Para Muniz o MDB é o canal de participação política e as entidades sindicais, de bairro e estudantes devem representar o conjunto de seus representados.

### Brizola e Arraes

O ex-presidente da UME elogia a posição do ex-governador Miguel Arraes que voltará ao país e vai entrar no MDB. Muniz custa a acreditar que Brizola tenha dado as

declarações, publicadas ultimamente nos jornais atacando o presidente do MDB, Ulisses Guimarães: "é incoerente com o Brizola que conheci antes de 64".

Para ele, Brizola está trabalhando dentro do espaço político deixado pela ditadura para reformulação partidária. "A ditadura está aí e a reformulação partidária é uma manobra para impedir a liberdade de organização partidária. Nos temos que ficar dentro do MDB para lutar pela liberdade de organização partidária. Não podemos ignorar que a ditadura ainda está aí. Mais fraca, mas ainda está aí."

Quanto à acusação de que o MDB seria o filho do autoritarismo, ele responde: "não vamos discutir a paternidade de tal ou qual partido. Hoje a situação que aí está, tudo, é filha do autoritarismo". Muniz acha, entretanto, que Brizola vai alterar sua posição quando entrar em contacto com o movimento popular brasileiro." (Ricardo Lessa)

Ricardo Bueno é editor da Hora do Povo.

Cuidado, Delfim voltou!

Delfim Netto está de volta, para desgraça dos trabalhadores. É agora ministro do Planejamento. Quem se lembra dele? Vamos refrescar a memória. Delfim foi ministro da Fazenda nos governos Costa e Silva e Médici (período 1967-73) e se caracterizou por comandar uma política cruel com os trabalhadores. Sua marca registrada é o arrocho salarial. Explicando melhor: uma política de aumentos salariais inferiores à inflação.

Para conseguir arrochar os salários Delfim usou de todos os truques. Chegou, até, a falsificar os índices de inflação em 1973. Como é que fez isso? Muito simples. O todo-poderoso Delfim mandou que a Fundação Getúlio Vargas, que calcula os índices de custo de vida no Rio de Janeiro, só desse atenção aos preços tabelados. Por exemplo: a carne tinha um preço determinado pelo governo. Mas, ninguém respeitava esse preço. Nos açougues o consumidor pagava duas vezes mais caro pela carne. Dane-se, dizia o redondo Delfim. No índice do custo de vida tinha que aparecer mesmo era o preço tabelado e não o que o povo estava pagando.

Assim, Delfim conseguiu chegar a um índice de inflação em 1973 de 13%. Nessa época o DIEESE, um órgão dos trabalhadores que também calcula a inflação, afirmava que os preços tinham subido 26%. Uma prova de que Delfim estava mentindo. Mas ele ficou definitivamente desmascarado quando, no início do governo Geisel, o novo ministro da Fazenda (Mário Henrique Simonsen) mandou a Fundação Getúlio Vargas refazer os cálculos da inflação de 1973 usando os preços que o povo realmente pagava. Graças a isso Simonsen (que também não é flor que se cheire) descobriu que a inflação de 1973 tinha sido de 26%, em vez dos 13% de Delfim.

Nessa época Delfim dizia, também, cinicamente que o negócio era "fazer o bolo crescer para depois dividir". Quer dizer, era preciso primeiro produzir mais, para depois dar alguma coisa aos pobres (às famílias que ganham pouco). O resultado é manjado: o que foi produzido a mais parou no bolso dos ricos, enquanto quem já era pobre ficou mais pobre ainda. A dobradinha arroz-com-feijão ficou cada vez mais longe da mesa dos trabalhadores. Delfim, afinal de contas, só queria mesmo era saber de aumentar a produção de soja para exportar.

O que esperar agora do cínico Delfim? Bem, nada de muito bom. Delfim diz que vai fazer com que a economia cresça rápido. Diz que a produção de mercadorias vai voltar a aumentar na base de 10% ao ano. Sim, o Brasil vai crescer produzindo o que? Pelos planos de Delfim produzindo automóveis, televisões em cores, aparelhos de som e outras coisas que são compradas pelos ricos. E daí?

Daí, que isso já serve para mostrar que Delfim continua o mesmo de antigamente. Ele não está preocupado em melhorar os salários dos trabalhadores, para que estes possam comer melhor, comprar mais roupas e sapatos, pagar as prestações de sua casinha, etc. Não. E não está porque para isso Delfim teria que arrochar os ricos, para dar melhores condições de vida aos pobres.

Uma prova clara de que Delfim ainda continua na mesma jogada: há pouco tempo ele acabou de dizer que reforma agrária é besteira. Ora, reforma agrária é a única maneira de dar terra a milhões de trabalhadores que vivem miseravelmente no campo e que não têm um lugarzinho para plantar. Delfim está, portanto, pouco ligando para eles.

Cuidado com ele pessoal!

# A briga das comunicadoras pelos "queridos ouvintes"

Cidinha Campos tirou o lugar de Daisy Lúci como a principal comunicadora da Rádio Nacional. Dois meses depois, foi a vez de Daisy "dar a volta" em Cidinha, retomando seu programa, segundo ela, com a ajuda "de um verdadeiro movimento de ouvintes, pedindo a minha volta". Cidinha, que agora está se transferindo para a Tupi usou seu último programa na Nacional para atacar Daisy por quatro horas seguidas, chamando-a de invejosa, vereadora pouco inteligente etc.

Por trás da briga dos comunicadores, o poder dos programas de rádio chamados de "utilidade pública" e "debates populares" — suficiente para popularizar Daisy Lúci e elegê-la vereadora pela Arena do Rio, com 50 mil votos.

## Cidinha: agora, na Tupi

Com a mudança do Presidente da RIOBRÁS, saída de J. Silvestre e entrada de Vitor Pinheiro, e consequentemente a da Rádio Nacional, a Radialista Cidinha Campos deixou a emissora e foi para a Rádio Tupi com o mesmo programa, onde estréia dias 3 de setembro "Acho que isso — disse Cidinha Campos — é uma falta de assunto. Você me desculpe, mas posso dizer isso porque também sou repórter e sei que é isso. Já falei várias vezes a mesma coisa. A Revista Amiga já deu, a Manchete já deu, o jornal Última Hora já deu. Vocês devem

pegar essas revistas e copiar".

HP — Isso, sim, não seria uma falta de assunto e imaginação? Cidinha não respondeu.

HP — E seu novo programa na Rádio Tupi?

"É o mesmo programa que eu fazia na Rádio Nacional. Levei três pessoas que trabalhavam como assistentes de produção e tenho da Tupi para o meu programa, seis repórteres, sendo que três saem com uma pauta e os demais cobrem as delegacias da Zona Norte, trânsito, Zona Sul e hospitais". Segundo Cidinha Campos o Rádio tem como função prestar

serviço de utilidade pública e propiciar momentos agradáveis na vida das pessoas. "É um programa popular onde os sons (efeitos) e humor são o ponto alto.

"EU PREPARO UMA CANÇÃO QUE FAÇA ACORDAR OS HOMENS/ E ADORMECER AS CRIANÇAS" — Carlos Drommond de Andrade —

Frases como esta são lidas durante o programa e Cidinha Campos explica: "O público que mora em Nova Iguaçu, ou qualquer outro lugar da baixada, também pode ouvir frases de poetas importantes.



Cidinha Campos: esquecendo Daisy Lúci para conquistar o público na Tupi, com humor, poesia e serviços de utilidade pública

## Lima Duarte: Marron Glacê para crianças

Marron Glacê (nova novela da Globo) é um verdadeiro desafio para seu autor, Cassiano Gabus Mendes, porque vai para o ar no horário das sete. Outros horários, como os das oito e dez, permitem as "grandes obras de arte". Mas o das sete, onde até Janet Clair já fracassou, tem problemas terríveis com censura, público e publicidade — diz Lima Duarte, o garçon Oscar da nova novela da Globo.

Para ele, Marron Glacê, a história de cinco garçons que trabalham para uma empresa especializada em banquetes é "um conjunto de várias historinhas, umas interessantes, outras não — destinadas a um público composto principalmente por crianças e velhos.

Apressado, no intervalo de duas gravações da novela (a TV Globo não paga horas extras, e assim as gravações programadas têm que ser cumpridas à risca" — diz ele) Lima Duarte acha estimulante estar representando o seu personagem em Marron Glacê.

— Alguém se preocupa com um garçon? Em saber o que pensa, se chora, se luta, um profissional tão desconhecido e ao mesmo tempo tão próximo de todos? O trabalho de um garçon é uma verdadeira arte, que exige muita técnica. Eu tive que fazer um curso de aprendizagem para garçons do Senac para esta novela. Ao mesmo tempo, existe nos garçons o problema de excesso de zelo, da quase submissão, que os torna semelhantes as gueichas japonesas, que estão lá para servir. Este zelo é também uma coisa muito francesa, muito européia.

Lima, que se interessa mais em representar personagens simples e populares acha estimulante não saber, a cada capítulo, qual será o futuro de seu personagem:

— É uma delícia não saber o passado nem o fim do garçon Oscar. Meu personagem é um homem que vai trabalhar com o filho, também garçon, e que odeia o pai. Ninguém sabe o motivo deste ódio, e eu posso dar vários sentidos à cada frase que digo na novela, jogando suspeitas no inconsciente do espectador. Depois, nas ruas, recebo de volta as impressões do público, o que cria um processo de influência mútua entre ator, espectadores e o autor — que aliás também ainda não sabe qual será o futuro dos personagens.

## Daisy — cativei o público

Se tivesse que usar meu prestígio político contra Cidinha, teria feito isso há dois meses atrás, quando tive que sair da Rádio Nacional, e não agora, para voltar. Seria mais tranqüilo, evitaria toda esta confusão.

Daisy Lúci, radialista há 28 anos e vereadora arenista há três, acha que sua volta à Nacional se deveu "exclusivamente à verdadeira loucura que foi o movimento de ouvintes, com abaixo-assinados de mil, duas mil, duas mil assinaturas,

cartas e telefonemas pedindo minha volta."

Mantendo seu programa durante oito anos na mesma rádio, em vários horários, Daisy acha que cativou "um micropúblico, pequeno, mas fiel", de cerca de 23 mil ouvintes:

— É um público estável, que não dá piques de audiência, e bastante específico, formado principalmente por donas de casa e motoristas com rádio ligado.

Daisy diz que não tem nada contra Cidinha, que considera "uma grande

repórter, que está na tela", mas sem contra a antiga direção da Nacional, que a afastou: "eles agiram com falta de respeito, indecência para comigo. Inicialmente, Cidinha tinha o horário de oito às dez da manhã, em seguida vinha o programa de José Messias, o Bate-Bola esportivo e depois o meu, das 12,30 às 14. Ela conseguiu tomar o horário do José Messias e acabou ficando com 4 horas de programa em que fazia quase a mesma coisa — utilidade pública e reportagem — que eu fazia à

tarde, em apenas hora e meia. A direção da Radiobrás (a que pertence a Rádio Nacional) com J. Silvestre na Presidência, optou então pelo meu afastamento."

Depois de deixar a Nacional, durante dois meses, Daisy ficou na Rádio Ipanema, "fazendo um programa de utilidade pública para uma audiência jovem, que não estava interessada neste estilo". Com o afastamento de J. Silvestre da direção da Radiobrás, ela foi novamente chamada pela Nacional:

— Pedi então o meu antigo horário de volta, e fui informada que ele já estava ocupado e bem vendido. Foi proposto então que eu e Cidinha dividíssemos o horário da manhã, que ela monopolizava, com duas horas para cada uma. Seriam duas mulheres trabalhando juntas, e sobriaria serviço para as duas.

Daisy lembra que Cidinha não foi demitida, mas pediu rescisão de contrato. "Ela não aceitou somar, como fazem atualmente todos os comunicadores da Nacional, que se revezam em pro-

gramas que duram cerca de duas horas. Não creio que tenha recusado a divisão de seu horário por estrelismo, mas sim por sede de microfone, pois esteve afastada do rádio muito tempo.

— Só não entendo porque ela não gritou quando o José Messias perdeu seu programa na rádio, e ninguém disse que houve falta de respeito ao público dele. Mas quando chegou a vez dela, Cidinha usou as 4 horas de seu último programa para me atacar, chamando-me de invejosa, burra etc.



Nelson Cavaquinho: "recebi um troféu. Uma lata de marmelada cheia de terra"

## "Se a cachaca matasse eu já estava morto"

Um teatro está atraindo tanto público quanto os maiores nomes da música popular brasileira. Hora do povo ouviu Nelson Cavaquinho, uma das atrações do Cine-Show Madureira.

Em frente aos trens que passam lotados de pintangos, no subúrbio carioca de Madureira, está sendo mostrado o que existe de melhor na música popular brasileira. É o Cine-Show Madureira, onde Beth Carvalho, Maria Betânia e Caetano Veloso já se apresentaram, e Paulinho da Viola, Milton Nascimento e Gilberto Gil aguardam na fila.

Mas no último dia de apresentação de Nelson do Cavaquinho e a Velha Guarda da Portela no Cine-Show Madureira, ao contrário do que aconteceu com Betânia, Caetano e outros, a casa estava meio vazia.

A Escola de Samba da Portela fica aqui em Madureira, e os moradores podem ver a gente toda semana, no Portelão, à 50 cruzeiros. Aqui no Cine-Show a entrada é cara — disse Sereno do Tantan, da Velha Guarda. E Nelson do Cavaquinho ajudou a explicar o teatro meio-lotado: "Você tem sua mulher em casa, vê ela todo dia. Quando sai quer ver coisa nova, diferente."

Os sambistas acharam importante o crescimento de casas de espetáculo como esta e o "Sovaco de Cobra", na Penha, na zona suburbana do Rio. E como já estava na hora do show começou, a entrevista poderia ter morrido por aí, se Nelson não tivesse piscando para o repórter e o fotógrafo:

— Voltem aqui durante o intervalo que tenho coisas boas para contar. Denúncias sobre o Cine-Show? Sobre a exploração dos músicos populares pela máquina comercial de espetáculos? Estávamos lá firmes no intervalo, ouvindo as coisas boas:

— Bebo desde 1931. O que prova que cachaca não mata porque se matasse, eu já estava morto há muito tempo. Agora, por causa da idade, a cana tem diminuído. E também já não subo muito o Morro da Mangueira.

— Outro dia me chamaram para receber o "Troféu Mangueira". Eu

fui lá, cantei, almocei e fiquei esperando. Sabe o que era o "Troféu"? Uma lata de marmelada cheia de terra com uma muda de mangueira plantada. Joguei fora. Pra que que eu quero aquilo? Eu já tenho mangueira em casa.

— O Zé Ketí tá doente, muito doente. E o Carliota também.

— Meu velho era mestre de música e não sabia nada de música, nunca estudou. Tocava na banda da Polícia Militar. Eu também nunca aprendi. É uma questão de dom.

— Nunca anotei minhas músicas. Muitas vezes, um camarada chega pra mim e toca uma música, e eu pergunto de quem é. "É sua, miserável", diz o cara.

— Já vendi a mesma parceria à duas pessoas, por distração. Paciência.

— Tinha um garoto que carregava o violão pra mim. Todo buteco que a gente entrava ele roubava alguma coisa, e escondia dentro do violão. Um dia, estava andando na rua, e senti um cheiro de peixe. "Que cheiro é esse", perguntei. "É pescadinha", disse o garoto. "Tá dentro do violão". Tava mesmo. Pra tirar as cordas do violão ficaram todas engorduradas. Nós partimos o peixe num banco de praça e comemos.

— Ressaca a gente cura com cachaca, e não com água. Senão, não vai.

— Quando minha mulher saía, eu vestia um pijama encarnado, pegava o cavaquinho e ia pro boteco. Na volta, muito embriagado, pedia aos vizinhos para me socorrer.

Um dia, tava tão ruim que pensei que ia morrer, e não tive coragem de chamar os vizinhos. Cheguei em casa, deitei com o cavaquinho do lado, e fiquei esperando a morte. Ai, peguei no sono, e sonhei que ia morrer às três horas. Despertei às 2,30. Quando faltavam 5 para as três, eu disse: "não vou morrer de jeito nenhum". Voltei o relógio pra meia-noite. (Antonio José Mendes)

## "Operário é intelectual"

HP — Como vê a relação entre os intelectuais e o povo?

Paulo Freire — Em primeiro lugar não há porque negar a importância do chamado intelectual. Em segundo, o problema é que não podemos deixar de ser os intelectuais que estamos sendo, formados ou deformados na dicotomia, na separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, na separação entre prática e teoria, entre ensinar e aprender, entre conhecer o conhecimento existente e criar o novo conhecimento. Ora, não se poderia exigir de mim muito mais do que venho procurando ser.

Então, um dos nossos esforços, hoje em dia, seria o de morrer como o velho intelectual, formado nesse bojo de dicotomias, para renascer como um novo intelectual, constituído por uma nova sociedade, que ainda não existe.

HP — O que seria para você um jornal popular?

Paulo Freire — Eu acho que ele deveria se relacionar com a massa popular numa linguagem

simples, e não simplista. Para mim, o simplismo revela uma ideologia elitista. O jornal Hora do Povo deve procurar a simplicidade na análise do real, mas jamais cair na tentação do simplismo, que seria como se eu dissesse: "como posso interpretar para essa gente coisas tão sérias e complexas que eles não são capazes de entender?" Eu recuso o simplismo e tento a simplicidade.

Além disso, em sendo um jornal formado por possíveis intelectuais, que tenham a consciência de que o camponês e o operário são também intelectuais, embora ainda não estejam reconhecidos como tal. Um jornal popular tem que inventar e reinventar linguagens diferentes, para comunicar com a massa. Não sei que linguagens são essas, vocês tem que pesquisar. E quem vai dizer se essa linguagem está sendo válida é o povo mesmo.

Este jornal só será realmente popular se ele for um jornal "com" o povo, e não "para" o povo. HP — Quinze dias de Brasil depois de quinze anos de exílio, o que está sentindo?



Paulo Freire criou um método de educação em que o aluno aprende não só a ler e a escrever, mas também a ver e transformar a realidade.

Paulo Freire — A resposta a esta pergunta não pode ser clara, na medida que a minha volta, a minha presença no Brasil tem consistido em pisar o chão brasileiro, ver as caras que eu, tenho visto, ouvir as vozes que eu tenho ouvido. Tudo isso tem provocado em mim uma riqueza de sentimentos. O cheiro! O Brasil tem um cheiro, e tem cheiros diferentes. Um cheiro de São Paulo, um cheiro do Rio, um cheiro do Recife.

A lembrança deste cheiro sempre me acompanhou. De vez em quando, na África, eu encontro algo parecido. O que está acontecendo comigo é uma pluralidade de sentimentos, são lembranças que de repente vêm e me tomam, me fazendo às vezes redair até a infância, com detalhes que vejo, coisas inesperadas.

Então, em síntese, eu diria que esses dias de Brasil representam um mundo de alegria.

HP — Você falou que é preciso haver uma "aprendizagem da abertura". O que é isto?

Paulo Freire — Eu disse

há pouco, em São Paulo, que o processo de abertura implica numa prática, resulta de uma prática social e histórica. Não é presente de ninguém. A visão da abertura como um presente do governo me parece uma visão errada. Eu acho que a história não se faz de presentes, de pacotes.

A abertura começa a ocorrer num determinado momento de um processo histórico, expressando um dinamismo que tem a ver com condições internas e externas de uma sociedade que está se abrindo ou não. Implica numa aprendizagem, exige uma prática da abertura, uma aprendizagem democrática, que espero seja bem feita.

Muito antes da chamada abertura, por exemplo, bastava falar em greve e isso já significava uma ameaça à chamada ordem. Hoje em dia não só se pode falar como se pode fazer. E, de longe, eu tenho observado que a classe operária brasileira tem revelado um alto nível de aprendizagem, antes e durante o processo de abertura, na proposta de suas greves, por exemplo.



Para sobreviver precariamente, guardas têm que trabalhar 12 horas por dia.

# 40 mil armados

## Vigilantes são exército maior que a PM

Os 40 mil guardas de segurança de bancos, cadernetas de Poupança, lojas e indústrias do Rio de Janeiro formam um contingente armado maior que a PM carioca, que tem 26 mil homens. E, talvez, igual às Polícias Civil e Militar juntas, que somavam, há dois anos, menos de 27 mil agentes. São, como se disse, "um exército irregular".

E sobram irregularidades no funcionamento das 30 empresas de segurança que arrematam este exército. Elas alugam os vigilantes por 15 mil cruzeiros mensais em média. E pagam aos guardas 3 mil cruzeiros por mês. Segundo o presidente da ABRAVIG, Fernando Bandeira, as firmas subornam os dirigentes de empresas estatais para que contratem seus serviços. E as empresas particulares atingidas pelos preços altos, já estariam contratando guardas como seus empregados.

As firmas de segurança

descontam INPS sobre o total dos vencimentos dos vigilantes (salário mais prêmios) e pagam pelas férias apenas o salário lançado na carteira. Descontam também a taxa dos exames de admissão e o preço dos uniformes (Cr\$ 500,00 cada), lançando-os nos contracheques como vales dos empregados, impedindo a comprovação de sua ilegalidade em uma ação contra a empresa.

**Armas à vontade**

Pela Resolução 129 da Secretaria Estadual de Segurança Pública, as empresas são obrigadas a ter um Centro de Promoção Profissional para treinamento de defesa pessoal, tiro e aulas de noções gerais para os guardas. Segundo Fernando Bandeira, apenas 10 das 30 empresas possuem o centro de treinamento.

O credenciamento dos vigilantes na Divisão de Segurança de Órgãos e Sistemas da SSP, para porte de arma é meio obscuro.

**N**ós não temos patrões, nós temos é tubarões." Mais de 200 vigilantes gritaram esta frase na escadaria da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, no dia 23, num ato público que integrou a campanha salarial da categoria.

O movimento dos vigilantes foi deflagrado no início de agosto, pelo presidente da Associação Brasileira de Vigilantes (ABRAVIG), Fernando Bandeira — ex-guarda-civil, detetive inspetor, e professor. Em agosto foram realizadas quatro reuniões entre a ABRAVIG e o representante dos patrões, Cecil Borer, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Vigilância e Segurança (ABREVIS). Durante o movimento os patrões usaram todo tipo de expedientes, inclusive as demissões de guardas antigos e tentativas de suborno para que os vigilantes furassem a greve.

A campanha conquistou os prêmios por triênio, risco de vida, insalubridade, seguro, equiparação dos salários das mulheres e o cumprimento dos direitos trabalhistas. No dia 17, faltava ser decidido com os patrões o piso salarial entre 5 e 6 mil cruzeiros.

O ato público foi precedido de passeata que começou na Delegacia Regional do Trabalho, na rua Debrét, e seguiu pela Avenida Presidente Antonio Carlos, na hora do rush.

Ainda assim, os não credenciados são contratados. Bandeira calcula que 20 mil vigilantes portam armas sem licença.

Na ARKI as armas são compradas em lojas de caça e pesca, sem limites de quantidade, embora a Resolução 129 estabeleça em 2/3 do efetivo o total de armas de cada empresa. O controle das armas cabe ao Serviço de Fiscalização, Importação, Depósito e Tráfego de Produtos Controlados do I. Exército.

As firmas têm fiscais ou inspetores que percorrem os postos anotando faltas ou irregularidades, punidas com "castigos" (transferências para postos distantes), suspensão, descontos ou demissões. Na primeira concentração dos vigilantes, na saída da Delegacia Regional do Trabalho, no dia 15, guardas da SEG falaram de um quarto na sede da empresa onde seriam interrogados os acusados de roubo.

**Dando sangue**

Quando contam estas punições, os vigilantes se referem com cuidado a pessoas que têm patentes militares. É o caso do Major PM Sérgio Amaral Matoso, da Transporte, "que se diz Coronel"; do Capitão Xavier, da SBIL, "expurgado da PM" e do Coronel Assunção, da Proban. A Resolução 129 determina a existência de um oficial militar superior na direção das empresas, mas não especifica evidentemente que devam ser expurgados ou arbitrários.

Os candidatos à SEG são obrigados a doar, no Banco de Sangue Dr. Paturi, na Rua do Matoso, 170, uma quantidade de sangue maior que a necessária para a classificação do grupo sanguíneo, exigida para a admissão. Esta quantidade, igual à vendida pelos doadores, pagaria os exames de saúde feitos na clínica e exigidos para o ingresso na firma.

## Um negócio altamente lucrativo

A sala de Francisco Augusto Carillo, branca, tem uma mesa de vidro e aço escovado, com oito cadeiras de veludo. Em outra mesa, também de vidro, o telefone de teclas. Carillo, grisalho, aparenta 38 anos, usa terno escuro e, com um isqueiro preto, acende cigarros americanos Paramont (proibidos uma vez nos Estados Unidos como cigarros de viciados). Ganha 70 mil cruzeiros por mês.

Carillo é um dos donos e gerente da ARKI Serviços e Segurança, que aluga 2 mil e 400 empregados de limpeza, vigilância, portaria e ascensoristas a agências bancárias e firmas comerciais. Estes empregados ganham, segundo ele, 3 mil cruzeiros em carteira e prêmio de 550 cruzeiros.

A ARKI funciona nos casarões 226 e 228 da rua Paulo de Frontin, no Rio Comprido, cercados por um muro alto, marrom areia. Na porta de ferro, fica o emblema da empresa. Dentro, à esquerda, há uma guarita, almoxarifado e refeitório. No segundo andar, as salas para exames psicotécnicos, de saúde e aulas de defesa pessoal e noções gerais aos candidatos mais os departamentos de pessoal e administrativo. Os móveis destas salas são velhos e rasgados. No pátio, a água escorre de um defeito do encanamento.

"Em caso de morte..."

Carillo insinuou que o credenciamento dos candidatos, na Divisão de Segurança de Órgãos e Sistemas da SSP, depois do treinamento na empresa e exames na Academia de Polícia, depende de uma cadeia de corrupção parecida com a do Detran. "Não conheço dono de empresa que faça o jogo da DSOS, mas as empresas precisam do material humano reprovado" — nos exames da Academia de Polícia. Mesmo os reprovados são contratados pelas empresas como vigias, com salários menores.

O gerente negou que houvesse espancamento de guardas, em sua firma, como repressão, mas admitiu existir punições: demissão para os co-autores de assaltos e pagamento da arma perdida em roubo. "Como exemplo, para os colegas reagirem a todo tipo de assalto". Entretanto, segundo ele, dois em 100 vigilantes são expulsos, feridos ou mortos no trabalho.



Patrões lucram muito, mas só querem pagar salários de fome

A ARKI não faz seguro dos empregados "porque beneficia só à seguradora e sai muito caro. Nos casos de morte, paga à família 30 a 40 mil cruzeiros, advogado, funeral e libera o FGTS." Um das reivindicações conseguidas pela ABRAVIG é o seguro de vida de 100 mil cruzeiros. Carillo, no entanto, acha que a Associação "não responde pelos interesses de toda categoria" e que muitas reivindicações favorecem mais ao seu presidente, Fernando Bandeira, "que está a fim de faturar em cima das empresas."



Rogério Carneiro

## "Parece escravidão" Guarda não almoça

**E**ra bom até que o presidente Figueiredo tomasse providências porque isto é uma exploração. Parece até o tempo da escravidão", disse o vigilante Nivaldo Francisco Sodré, número 23512 da Ex-Wackenhut do Brasil, atual Zenop Proteção Particular, na sexta-feira, 17 de agosto, véspera da primeira Assembléia da categoria.

Nivaldo tem 26 anos, cinco como vigilante, é ex-pintor, ex-auxiliar de eletricitista, ex-vendedor e mora na rua Salgado Filho, 10, Barreto, Niterói. Trabalha na agência Presidente Vargas do Banco de Londres, de segunda à sexta-feira, das sete e meia da manhã às seis e meia. Sai, pega no outro serviço, das oito até meia-noite. "Serviços gerais," explica, com vergonha de se apresentar como faxineiro. Chega em casa entre meia-noite e meia e uma da manhã. Acorda no dia seguinte às cinco horas.

Por isso, recebe cerca de 5 mil cruzeiros e gasta a metade com aluguel. O salário da empresa, Cr\$ 2.301,00 "não dá nem para

pagar um quarto, que está a Cr\$ 2 mil." E o prêmio por assiduidade e boa apresentação, pago pelo Banco, é descontado pela empresa no caso de uma falta. "A nossa segurança tira o que puder da gente. Somos tratados pior do que um animal."

Eli Azevedo, 36 anos, é uma das cinco guardas da Vigan que servem na Rodoviária Novo Rio. Às vezes, fica sem comer porque ali "almoço é coisa de luxo". Ela recebe 3 mil cruzeiros por mês e o prêmio de 300 por assiduidade, mas gasta, por mês, mais de 600 em condução para ela e a filha (Eli é desquitada). Não paga aluguel, morando com a mãe, na Ilha do Governador, mas "o salário vai quase todo embora quando vou ao supermercado".

Como as colegas, Eli trabalha 12 horas e folga 36. No serviço, não pode conversar, nem se encostar e deve ficar de pé com as mãos nas costas. No primeiro, dia, em meados de julho, ficou assim e seus ombros doem "até um mês depois".



Cecil Borer, presidente da Associação Brasileira de Empresas de Vigilância e Segurança, é ex-informante do DOPS e não gosta de dar entrevistas. Procurado por Hora do Povo, para falar sobre a mobilização dos vigilantes, foi grosseiro e limitou-se a dizer: "Leia os jornais de amanhã". Borer não está tendo os dias mais felizes de sua vida: sua empresa (a SBIL) acabou de ser assaltada e surrupiada em Cr\$ 8 milhões. O que não chega a ser uma boa recomendação para quem trabalha na área de vigilância.

## NOTAS

### 40 golpes do falso Ali-Babá

Venda de terreno do IBDF, no km 29 da Avenida das Américas por 2,5 milhões de cruzeiros e de barras de ouro falsas são alguns dos golpes do estelionatário Saleh Cader, que se fazia passar por "Xeque árabe", magnata de petróleo e membro e representante de família real saudita no Brasil. Os mais de 40 golpes do falso Ali-Babá chegam a mais de 30 milhões de cruzeiros.

### Raptos: Kidinho suspeito

A localização do alcagüete Euclides Andrade dos Santos, Kidinho, acusado de vários sequestros com morte, pode esclarecer as mortes de D. Irene Rodrigues e do lutador de kung-fu e capoeira, Walmir Gomes de Souza e o desaparecimento da

estudante de Psicologia, Lúcia.

Kidinho foi informante do detetive Renato Luís Pedrosa, da delegacia de Teresópolis, e um dos suspeitos de ter sequestrado D. Irene, no último dia 7, na rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras. O detetive, já antes do caso, tinha relações com Jorge Hagenauer, tido como autor intelectual do crime, interessado nos bens da ex-mulher, Lúcia, testemunha, e Walmir, como co-autor do sequestro, teriam sido eliminados em queima de arquivo.

### Aézio: desmentido o suicídio

Uma foto do pescoço do sergente Aézio da Silva Fonseca, mostrando uma grande lesão em vez do "sulco apergaminhado de 15 milímetros", descrito no laudo cadavérico, pode afastar a versão de suicídio, defendida pelo promotor Rodolfo Ceglia e os policiais da 16ª DP, onde Aézio foi encontrado morto, no último dia 22 de junho.

O Juiz-sumariante do 1º Tribunal de Júri, Melic Urban, solicitou a foto no último dia 23 e, na ocasião, encaminhou ao IML ofício pedindo respostas a oito questões em torno da morte do sergente.



Polícia gaúcha reprime peões

## Peões: uma vitória parcial. Um pelego foi desmascarado

Depois de 15 dias, terminou na segunda-feira passada a greve dos operários da construção civil de Porto Alegre. Carecendo de uma organização mais firme e de maior unidade no movimento, os trabalhadores tiveram que aceitar a proposta patronal de reajuste de salário: 30% para os serventes, 20% para os pedreiros, 15% para os contra-mestres e 10% para os mestres. Os peões reivindicavam 100% de reajuste em todos os níveis.

Este resultado, porém, não significa que a greve tenha sido uma derrota para a categoria, que iniciou o movimento sem nenhuma experiência anterior de luta coletiva pelos seus interesses. Nestes 15 dias que estiveram parados, os 50 mil operários desmascararam o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, Felipe Delgado, tachando-o de pelego e expulsando-o a sopapas das assembleias.

Além disto, os trabalhadores em luta demonstraram mais uma vez de que lado está o governo, quando foram reprimidos violentamente no dia 14 de agosto. Mais de 10 mil peões estavam na Praça da Matriz (onde fica o Palácio Piratini) exigindo a libertação de três pessoas envolvidas na greve e o Exército, a Brigada Militar e a Polícia Civil baixaram o casquete. Não só nos operários, mas em

todos que encontravam. Os peões reivindicavam 100% e os empresários propunham 20%. A questão foi para o Tribunal Regional do Trabalho, que formulou uma proposta "conciliatória": 25%. De antemão, os patrões já falavam que não aceitariam os 25% — a menos que o governo subsidiasse a diferença da sua proposição. Mesmo assim, eles pediram o prazo de uma semana para "estudar" o índice do TRT.

A exigência de prazo tinha um objetivo bem claro: matar à míngua o movimento. E foi nesta semana de espera pela decisão que as falhas da organização apareceram com mais intensidade.

Vencidos pela fome, muitos peões retornavam ao trabalho. Mesmo assim, no dia da decisão, oito mil operários compareceram à assembleia de votação da proposta patronal. Comemoraram a decisão como se fosse uma vitória, mas, ao mesmo tempo, deram um último exemplo de falta de organização, permitindo que provocadores iniciassem um quebra-quebra que durou meia hora.

Valeu a experiência. Os próprios operários reconheceram que deram exemplo de luta e sentiram a necessidade de construir uma organização melhor para as próximas mobilizações. (Sucursal de P. Alegre).

# "Não vamos abrir mão desses 83%"

A campanha salarial dos 250 mil metalúrgicos do Rio e cidades vizinhas começa a esquentar. Principalmente depois da assembleia no dia 24 passado presenciada por

5 mil operários, todos animados com a vitória alcançada pelos seus companheiros da Fiat, que conquistaram estabilidade para os delegados sindicais

e a readmissão de um trabalhador demitido durante uma greve realizada recentemente.

O presidente do sindicato, Osvaldo Pimentel



Numa assembleia entusiasmada, participantes invadiram o palco



Um uniforme apresentado à assembleia. Aplausos. Metalúrgicos do Rio em campanha.

abriu a assembleia assegurando que "não abriremos mão do índice de 83% e para isso poderemos chegar até a greve". Em seguida, Agenor comunicou as conclusões da Comissão de Salários: "os operários estão sendo esmagados por esta ditadura, mas nós não vamos aceitar nenhuma provocação. Na nossa próxima assembleia, dia 11, se os patrões não aceitarem os 83%...". Nesse momento foi interrompido pelo coro unânime (Trabalhador unido jamais será vencido! A união faz a força do peão!).

Chegou então a vez de uma metalúrgica, muito aplaudida pela assembleia: "Nós já temos nossa união, agora é organizar a greve e que será decidida na nossa próxima reunião que será num campo de futebol".

Toda essa mobilização da classe que luta por um piso salarial de 6.114 cruzeiros, está surpreendendo os patrões que na negociação direta dia 22 passado na

Federação das Indústrias ficaram boquiabertos com a exposição do técnico do DIEESE que disse que os 83% representam o índice que repõe o poder aquisitivo dos metalúrgicos ao nível de 1965. Isso sem contar o que foi o aumento de produtividade de 52% nesses últimos anos. Os empresários não apresentaram nesse dia nenhuma contraproposta alegando que não tinham se reunido.

De qualquer forma os operários não dormem no ponto. Estão se organizando para conseguir atingir a categoria, a maioria dispersa numa grande quantidade de pequenas fábricas e centrando fogo na propaganda dentro das 50 fábricas maiores, preparando para o dia 11, o que a diretoria do sindicato assegura que será uma grande assembleia, possivelmente no Campo do Madureira Futebol Clube, num populoso subúrbio carioca. (Mario Vitor Santos).

## Metalúrgicos: uma abertura para valer

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que representa uma categoria de 360 mil operários, tem sido levado a democratizar a sua campanha salarial pela intensa participação dos trabalhadores na vida da entidade. A campanha foi aberta oficialmente no último dia 24 e, a partir da próxima semana, vão ser realizadas 18 reuniões nos bairros distantes da cidade, para permitir que os metalúrgicos que moram nessas regiões, e não tiveram condições de participar da assembleia, discutam também os rumos da campanha salarial para o próximo dissídio da categoria, em 1.º de novembro.

O presidente do Sindicato, Joaquim dos Santos Andrade, no cargo há 14 anos, alugou o auditório do Cine Piratininga, no bairro do Brás para a realização das próximas assembleias. O auditório do Sindicato só comporta um máximo de 1 mil e 500 pessoas (sentadas e em pé) e, na campanha

do ano passado, isso foi motivo de violentas críticas à diretoria, porque a grande maioria dos trabalhadores presentes às assembleias foi obrigada a ficar na rua.

Próximos passos Por enquanto, os metalúrgicos paulistas, nas reuniões preparatórias quando da primeira assembleia, discutiram basicamente a forma de encaminhar a campanha. Ficou decidido que serão formadas quatro comissões de salários, uma para cada setor — Sul, Norte, Leste e Oeste — e os seus membros serão indicados pelos trabalhadores de cada região. E as comissões elegerão dois ou três representantes para fazer parte do grupo que acompanhará a diretoria nas negociações com os empresários.

Além da forma de apresentação, a assembleia do dia 24 estabeleceu que caberá a essas comissões, juntamente com a diretoria, preparar o elenco de reivindicações que os metalúrgicos

apresentarão aos empresários. O resultado desse trabalho será apresentado à próxima assembleia da campanha salarial, marcada para o dia 16 de setembro. Mas Joaquim dos Santos Andrade já adianta que as reivindicações tradicionais, como a estabilidade para as comissões de fábricas, serão incluídas.

Quanto ao índice de reajuste a ser reivindicado, o Sindicato apresentará à assembleia o valor já estabelecido pela comissão intersindical que está estudando a unificação das reivindicações de todas as categorias que têm data-base nos próximos meses: de 50% mais Cr\$ 3.000,00 fixos e piso salarial de Cr\$ 7.200,00.

### Do lado de fora

Nas reuniões setoriais, realizadas antes da abertura oficial da campanha, os metalúrgicos chegaram a conclusão de que se forem a uma greve, e essa hipótese é muito provável, os

grevistas não devem permanecer dentro das fábricas, mas do lado de fora dos portões. Joaquim Andrade explica que essa decisão visa impedir futuras punições e possibilitar a formação de piquetes.

Os metalúrgicos também se preocupam com a maneira prática de discutir, de forma democrática, as eventuais contrapropostas patronais. Para evitar os problemas ocorridos em 1978, quando a contraproposta foi apresentada uma hora antes do início da assembleia, decidiu-se que a diretoria do Sindicato lutará para que os empresários dêem sua resposta até a tarde de quinta-feira, porque as assembleias dos trabalhadores, a partir de agora, serão realizadas sempre aos domingos pela manhã.

### Osasco e Guarulhos

Assim, as comissões setoriais terão tempo para discutir com as bases, na sexta e no sábado, a po-



Aumento de 83% ou greve, essa a decisão

sição patronal. Esse esquema permitirá também, segundo o presidente do Sindicato, que os metalúrgicos de São Paulo, ao realizarem suas assembleias, tenham conhecimento das decisões dos metalúrgicos de Osasco e Guarulhos, que

devem fazer suas assembleias às sextas-feiras. Dessa forma, a luta conjunta dos trabalhadores, pelo menos no caso dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos certamente pesará muito mais do que uma simples intenção.

## Camioneiros pararam. Frete não compensa

Os camioneiros transportadores de adubos também pararam no Rio Grande do Sul: na quinta-feira (23) eles pararam e exigiram aumento do preço dos fretes. Na sexta-feira eles se reuniram na sede do Sindicato dos Condutores de Veículos Autônomos de Porto Alegre para formular sua proposta e resol-

veram, antes disto, fortalecer o movimento chamando mais companheiros à greve.

Em piquetes eles foram as principais indústrias de adubos e conseguiram mais adesões. Eles já tinham pronta uma proposta de elevação do frete que varia de 70 a 100%, segundo as peculiaridades do trabalho.

**Almir Pazzianoto**

Advogado do sindicato dos metalúrgicos  
Deputado estadual (MDB-SP)

## O golpe do Governo

Acoissados pelas classes trabalhadoras que, depois de muitos anos, resolveram entender que as campanhas salariais somente têm sentido quando, nos bastidores, as greves estão sendo articuladas, e podem a qualquer momento paralisar a produção lançando às ruas milhares de homens desesperançados, os empregadores e o governo parecem inclinados a aceitar algumas modificações nas regras do jogo.

A primeira delas seria feita no dispositivo legal que proíbe revisões antes de decorrido um ano do último reajuste compulsório. Em outras palavras, os aumentos passariam a ser semestrais ou trimestrais, tudo indicando que o governo se inclina mais em direção à primeira alternativa.

Não me parece que essa

alteração justifique todo o papel e tinta, para não se falar no tempo, consumido na sua discussão, porque os aumentos por semestre de há muito pertencem aos usos e costumes dos trabalhadores, que os conquistaram através das suas lutas sindicais.

É verdade que durante algum tempo, e por mera coincidência, quando os governos se conduziam desconhecendo os mais elementares direitos dos cidadãos, as antecipações semestrais foram suprimidas, e o congelamento salarial foi usado descaradamente. Nesses mesmos períodos os índices oficiais de reajustamento caíram a níveis críticos, vindo a se saber, posteriormente, que haviam sido manipulados para que a Nação acreditasse que o combate à inflação estava sendo feito, e da melhor maneira.

Liberadas as atividades sin-

dicais, mesmo dentro dos limites que o corporativismo-fascista estabelece, os reajustes salariais tornam a subir, e as antecipações semestrais, em alguns casos até mesmo quadrimestrais, voltam a acontecer, independentemente da anuência do Governo Federal, ou da alteração legislativa.

Assim, recomenda-se muita cautela aos trabalhadores, pois embora não se saiba exatamente o que está por trás da iniciativa governamental, é possível imaginar-se que alguma coisa não está sendo bem contada. Se, verdadeiramente, o Governo deseja alterar a ordem das coisas, para permitir aos trabalhadores a obtenção de salários adequados à atual conjuntura, basta-lhe tomar, desde logo, duas providências: primeiramente, corrigir o mínimo legal, atualizando os valores

fixados em 1.º de maio deste ano, de tal sorte que nenhum salário de admissão, em qualquer ponto do território nacional, seja fixado abaixo de Cr\$ 30,00 por hora; além disso, cabe-lhe não retardar mais a abertura na área sindical, abrindo mão, definitivamente, desse estranho e descabido direito que a CLT lhe assegura de praticar intervenções, quando os seus interesses — ou os interesses dos empresários — são contrariados.

Liberdade sindical, direito de greve, alicerçados nas indispensáveis garantias contra dispensas imotivadas (rotatividade de mão-de-obra) são os pré-requisitos para as contratações coletivas, através das quais os trabalhadores acabaram por resolver grande parte dos seus problemas, inclusive os de natureza salarial.

## Lula solta o verbo. E patrões calam

O Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, não deixou barato: compareceu ao I Congresso sobre Sindicalismo no Brasil, que se realizou no luxuoso Hilton Hotel de São Paulo, no começo da semana, e falou francamente o que pensa dos patrões, da legislação trabalhista, do arrocho salarial e da repressão do governo em cima dos sindicatos de trabalhadores.

Na platéia, os patrões e seus prepostos (diretores, gerentes e chefes dos departamentos de recursos humanos das grandes empresas), que garantiram sua participação no congresso mediante o pagamento da bagatela de 11 mil cruzeiros (quase cinco salários mínimos), se limitaram a ouvir, em silêncio, as verdades do líder sindical.

Principalmente quando ele disse que os empresários não estão preparados para negociações ou, dirigindo-se ao seletor auditório (todo mundo engravatado), afirmou: "Os senhores

têm que aprender a conviver com a greve, enxergando-a tão somente como instrumento de pressão". (Hamilton Souza).

## Vigilantes também em greve. Em SP

Mais uma vez, a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo se mobilizou para ajudar os patrões: na última terça-feira colocou a serviço dos banqueiros paulistas um amplo dispositivo de segurança, constituído de policiais, para substituir os vigilantes bancários, que na noite anterior haviam deflagrado uma greve por melhorias salariais.

Os vigilantes pedem 100% de reajuste salarial (a grande maioria ganha em torno de Cr\$ 3.000,00), um piso de Cr\$ 7.000,00 e o pagamento de 25% a mais pelas horas extras. E um dos motivos que levou os dois mil vigilantes presentes à assembleia a deflagrarem a greve foi a recusa da entidade patronal em receber as reivindicações, não oferecendo outra alternativa a categoria profissional. (Hamilton Souza)

# Sindicatos: luta conjunta

Para enfrentar o patronato, que cada vez mais se apóia na repressão policial, e a política de arrocho salarial do governo, os sindicatos de trabalhadores de São Paulo, cujas categorias têm data-base entre os meses de setembro e dezembro, decidiram unificar as reivindicações básicas que farão aos empregadores. A partir de agora, quase dois milhões de trabalhadores — metalúrgicos, químicos, padeiros, gráficos, marceneiros e de outras categorias — vão lutar por um piso salarial de Cr\$7.200,00 e um reajuste de 50% mais Cr\$3.000,00 fixos.

A unificação das reivindicações básicas é o primeiro passo que os trabalhadores dão no sentido de, futuramente, tentar unificar as data-bases de suas respectivas categorias. A história

sindical tem demonstrado — e os trabalhadores vêem o problema se repetir todos os anos — que a distinção de data-base de empregados em diferentes setores de uma mesma empresa é um dos grandes aliados dos patrões e também do governo.

## Em debate

Todos os líderes sindicais que estão participando do movimento reconhecem que essa é uma longa luta, que está extremamente ligada à campanha pela autonomia e liberdade sindical e pela alteração radical da atual C.L.T. Mas afirmam que o fato de terem conseguido se reunir, e tirar uma linha de reivindicação comum para as campanhas salariais, é um fato importante contra a ditadura a que os sindicatos

e os trabalhadores estão submetidos.

As formas de condução da reivindicação unificada ainda estão em discussão. Os dirigentes sindicais paulistas estão debatendo, por exemplo, uma forma de coordenar as assembleias de categorias diferentes, de constituir um fundo de greve comum e uma comissão de salários central.

Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, a importância dessa medida está no fato de que, assim, as categorias que têm maior poder de barganha, como é o caso dos metalúrgicos, poderão ajudar efetivamente as categorias menores. A unificação das reivindicações, segundo ele, poderá impedir o que ocorreu no ano passado: uma semana após os metalúrgicos terem fir-

mado um acordo coletivo de trabalho com índice de reajuste de 58%, outro Sindicato conseguiu apenas 47%.

## Política salarial

Os dirigentes sindicais não acreditam que a mudança da política salarial, prevista nos planos do governo, possa influir nesse processo. Eles entendem que o reajuste semestral não impede a negociação anual e que os trabalhadores terão que continuar a discuti-la, porque o índice fixado pelo governo corresponde apenas à inflação.

As reuniões dos dirigentes sindicais para unificação das reivindicações e discussão das campanhas salariais estão sendo realizadas quinzenalmente e contam com a participação de representantes de mais de 30 entidades diferentes. (Sucursal SP)



Vitoriosa a rebelião popular, a Guarda Nacional do ditador Anastácio Somoza fugiu às pressas da Nicarágua. Os que ficaram foram presos, mas estão sendo tratados com dignidade pelos sandinistas.

Jornal barricada

Depois de mais de 40 anos de ditadura, a dinastia Somoza foi derrubada na Nicarágua, através de uma rebelião popular. Anastácio Somoza deixou o país em ruínas e a Frente Sandinista de Libertação Nacional terá agora a dura tarefa de reconstruir uma nação de milhões de pobres da América Latina. Uma tarefa difícil, mas que certamente será realizada graças à intensa participação de um povo que agora respira os ares da liberdade.

# Nicarágua: País livre

## Povo unido derrubou a ditadura

Cláudio Cardoso (Enviado Especial)

O povo da Nicarágua demonstra hoje uma alegria como nunca viveu em sua história. Acabaram-se os assassinatos, os desaparecimentos, as mães chorando, crianças de 5 anos fuziladas pela guarda de Somoza na brutal represália pela integração da juventude do país à luta pela liberdade. Acabaram-se os bombardeios e destruição de cidades inteiras pelos seus próprios governantes. Não há uma única família na Nicarágua que não tenha um parente ou um amigo próximo vítima da ferocidade da repressão somozista. De repente, tudo isso acabou. Contrastando com meio século de permanente esmagamento de toda iniciativa e participação popular, percebe-se hoje uma atividade febril nas ruas e nas concentrações populares.

ocupar depois da guerra o espaço econômico deixado por essa destruição. O caráter intencional dessa manobra fica claro quando se observa que freqüentemente essas instalações industriais são os únicos alvos atingidos pelos bombardeios em suas cercanias.

Nos campos a situação é igualmente dramática. A guerra paralisou o cultivo durante todo este ano, e as culturas já semeadas correm o risco de serem em sua maior parte perdidas, se não se conseguir organizar as colheitas em um ritmo que compense o tempo perdido. As instalações públicas, moradias e estradas também foram enormemente atingidas pelos bombardeios somozistas.

quinas de escrever, copiadoras, etc., causando para a Universidade prejuízos totais de mais de um milhão de córdobas.

## Agora, reconstruir

Por tudo isso, a Frente Sandinista de Libertação Nacional está hoje firmemente dedicada à urgente tarefa da reconstrução do país, se esforçando por manter unidos todos os setores da população que podem contribuir nessa tarefa, inclusive os empresários não-somozistas.

O espaço deixado a esses empresários não compromete de forma alguma o caráter popular da revolução. Eles já eram muito fracos antes da insurreição, e Somoza se encarregou de enfraquecê-los ainda mais durante a guerra. A parte mais importante da economia, pertencente aos somozistas, é agora propriedade estatal de todo o povo, inclusive grande parte de suas fazendas, que estão sendo transformadas em grandes propriedades agrícolas de propriedade coletiva. Igualmente, a estatização dos bancos e do comércio exterior garante que os interesses gerais do povo possam prevalecer neste terreno decisivo sobre os interesses particulares, deste ou daquele empresário.

## E a ajuda?

A Frente Sandinista de Libertação Nacional é hoje no país a única organização política verdadeiramente respeitada. Nenhuma outra instituição pode se comparar a ela em autoridade moral, política ou social. Isso é uma garantia contra possíveis manobras egoístas de grupos privilegiados. A "reconstrução" do país não é, portanto, apenas a reconstrução da realidade social anterior à guerra, mas a construção de uma nova realidade que permita condições mínimas para a passagem à completa emancipação econômica, social e política dos trabalhadores e do povo da Nicarágua.

O Governo de Reconstrução Nacional, entretanto, não contando com a ajuda internacional que lhe foi prometida por diversos governos. O que é lamentável, para dizer o mínimo.

## Os agiotas do povo foram "enterrados"

Mais de 4 mil bancários enterraram simbolicamente na terça-feira o banqueiro Teófilo de Azeredo Santos, presidente da Federação Nacional dos Bancos e do Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro em frente a entidade patronal no Rio de Janeiro. O protesto foi feito em razão da negativa dos empregadores em negociar em torno de uma proposta aceitável pelos trabalhadores.

O caixão chegou à Cinelândia, onde os bancários se concentraram, acompanhado por uma bandinha que tocava a marcha fúnebre, nele estava a inscrição "Aqui jaz o agiota do povo e o decreto 1632". Após alguns discursos o cortejo saiu em procissão até a frente do sindicato dos bancos, onde foi colocado no chão, com uma coroa de flores e várias velas acesas. Foi feito um minuto de silêncio em homenagem aos trabalhadores que tomaram mortos ao longo dos 15 anos de repressão. Então foi queimado o caixão e os

bancários voltaram ac sindicato.

## Campanha

Desde 64 os bancários cariocas não faziam uma campanha salarial de acordo com as tradições de combatividade da categoria. A eleição de uma diretoria comprometida com os trabalhadores juntou-se o desejo dos bancários modificarem sua situação. Nesta campanha já foram feitas duas assembleias com 5 mil e uma com 7 mil trabalhadores, que declararam o estado de greve a ser decidida na assembleia do dia 3 de setembro caso os banqueiros não cedam ao pedido de 50% de aumento mais Cr\$ 3.000,00 fixos.

## Samba de 1917

Desde o começo, o banqueiro Teófilo não cede em nada. Diz querer o diálogo mas não tem proposta de aumento ao mesmo tempo que acusa a diretoria de fazer agitação e contra com dissidência na justiça antes da negociação direta. Faz propostas pelo



Teófilo Azeredo Santos

telefone o que levou Ivan Martins, líder dos trabalhadores a satirizar na última assembleia: "Para mim, 'pele telefone' é um samba de 1917".

Ivan diz ainda que Teófilo deseja "usar os trabalhadores como massa de manobra para barganhar com o governo o tabelamento dos juros e o prolongamento dos prazos de depósitos do INPS". que o governo quer reduzir. Bom, o gover-

no intervii no sindicato dos bancários mineiros, mas o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, disse a Ivan Martins quando saía do Banco de Crédito Nacional no centro do Rio: "o governo está interessado na abertura democrática e isso inclui a negociação direta entre bancários e patrões". Em São Paulo, os bancários também rejeitaram a proposta patronal. (Mario Vitor e Eduardo Manhães)

## "Negão" venceu a guerra, afinal



João Carlos, o "Negão"

Na terça-feira saiu finalmente o resultado das eleições para a diretoria do Sindicato dos Petroquímicos de Duque de Caxias. Venceu a chapa 1, liderada pelo secretário-geral da gestão anterior, João Carlos de Araújo Santos, o "Negão", concorrendo contra duas outras chapas, a chapa 2 formada pelo antigo presidente Gildo Pinheiro da Silva e uma terceira formada às pressas e apoiada pela Petroflex subsidiária da Petrobrás onde trabalha toda a categoria. Após a vitória, conseguida por maioria absoluta, o Negão deu esta entrevista:

HP — A sua chapa teve problemas durante as eleições. Como foi?

R — A nossa chapa foi formada durante a mobilização que fizemos na empresa em março/abril desse ano, quando a antiga diretoria, em sua maioria não se comprometeu com as decisões da assembleia, assinando o acordo salarial nos termos que a empresa propunha,

o que havia sido rejeitado pela categoria.

HP — Formada a chapa, como foi o processo eleitoral?

R — Bom, depois de inscrita a chapa começou a guerra. O companheiro Egbert Fernandes, registrou a chapa num dia de manhã, e foi demitido ilegalmente quando começava o seu turno, naquele mesmo dia, às 16 horas. Entramos na Justiça porque a chapa foi impugnada e só depois de 2 eleições canceladas, pudemos concorrer e ganhar. Egbert está sem trabalho e o caso prossegue, ainda hoje sem definição.

HP — Você acha que foi válido atuar num sindicato junto com pelegos?

R — A cada dia estou mais convencido. É necessário encostar os pelegos contra a parede, trazendo os trabalhadores para o sindicato, forçá-los a assumir as propostas das bases. É inclusive a melhor maneira de desmascarar o peleguismo.

Marcos de Castro

Vender craque é burrice, esvazia os estádios

## A palavra de ordem é marchar sobre a Gávea

Bem diz Mestre João Saldanha (que, para alegria de todos nós, caros leitores, será nosso companheiro nesta coluna, numa corrida de revezamento em que passar-lhe o bastão será sempre um prazer) que a torcida nunca se engana. Verdade verdadeira: a torcida sempre tem razão.

Como outro dia — eu diria que principalmente outro dia — em que torcedores do Flamengo às centenas começaram a telefonar para a sede do clube e fazer ameaças contra a integridade de seu patrimônio imóvel, se a diretoria concretizasse a possibilidade então insistentemente repetida de que poderia ser vendido o melhor de seu patrimônio humano para o futebol italiano.

Ora, o melhor do patrimônio humano, não só do Flamengo, mas de todo o futebol brasileiro, sabemos todos, é Zico. Se a diretoria se dispusesse a vendê-lo, isto é, a dilapidar o patrimônio mais rico do clube, ela sim estaria praticando um ato de vandalismo ao começar a destruir a mística do clube, que é o que lhe dá a alma — e só sobrevive encarnada na figura do craque.

Clube que vende craque é timinho sem cor, sem cheiro, sem coração, sem nada. A proposta é tentadora? Maior razão para recusá-la, o que seria um ato de grandeza. Aceitá-la seria apear-se, acocar-se, passar-lhe de mediocridade.

Tal prova de grandeza exigiria, claro, uma contrapartida indispensável e das mais justas: dobrar, triplicar se for o caso, o salário e todos os benefícios a que o jogador tem direito e dar-lhe logo um novo contrato, rasgando o que existisse em vigor. O futebol profissional é feito de lances que compõem um jogo de mercado, como qualquer outro, e isso tem de acontecer fatalmente com o produto valorizado.

Muito dinheiro por um jogador? Só os imbecis diriam isso, não a torcida. Pois um craque não tem preço, um craque é que é, isso sim, fonte permanente de muito dinheiro para o clube. Sobretudo um craque que por temporadas sobre temporadas se mantém como grande artilheiro do clube, da cidade e do país, batendo recordes sobre recordes. Sobretudo um craque que enche os estádios todos os domingos, levando as arquibancadas e gerais a berrar-lhe o nome e a dar calor e vida a essa paixão do brasileiro que é o futebol.

Com a ida do Flamengo à Europa o assunto voltou às páginas dos jornais. Como prendê-lo no Flamengo, se ele começou fazendo gols nas duas partidas e com eles, praticamente, dando o Troféu Ramon Carranza a seu clube? O raciocínio é simples demais, mas até onde se sabe só o dirigente Antônio Augusto Dunshee de Abranches teve clareza para desenvolvê-lo: sem craques como Zico, como levantar novos Ramon Carranza? Como conseguir, mesmo, convites para novos Ramon Carranza e outros jogos na Europa a preço superiores aos que Vasco e Botafogo conseguiram em suas viagens? É isso aí.

Mas não há como fugir a esse tipo de cerco, quando se tem um craque como Zico (desde Leônidas da Silva o Flamengo não tinha igual). O importante é fugir da concretização do negócio, pois o cerco sempre existe. Agora se fala em Itália. Em 1976 falava-se do Real Madrid.

Na ocasião a cifra citada eram 2 milhões de dólares, e seria então uma transação recorde mundial. Triste recorde, por sinal, se a transação se concretizasse. Um recorde que começaria a amesquinhar o clube no dia seguinte, esvaziaria as arquibancadas e gerais, nos seus jogos. Agora, quando se fala no futebol italiano, fala-se também em novo recorde mundial. Que seria tão triste como o outro, como sempre, se acontecesse. E autorizaria a torcida a partir com sagrada ira sobre a Gávea.



“Com 30 anos o jogador já não vale nada”



Eu nunca botei o pé dentro de campo sem contrato. Muitos jogadores jogam sem contrato, por insegurança, com medo de perder a posição para um companheiro. Na hora de reivindicar, ficam com medo de cobrar o seu preço. O nível dos salários dos jogadores no Brasil é baixíssimo.

# Zico desabafa: “estou exausto”

O excesso de jogos limita o tempo de vida útil de um jogador. No Brasil, hoje, por falta de um calendário para os campeonatos, o jogador é o mais sacrificado, jogando duas, três e às vezes quatro partidas por semana. Como você encara esse problema?

— Deveria haver um número limitado de jogos por semana. A não ser em casos excepcionais, como as partidas da seleção brasileira ou decisões de campeonato. Para você ver, só recentemente o jogador conseguiu ter férias de 30 dias. Antes, jogava-se o ano todo. Isso já foi uma conquista. Na Europa, um jogador de 33 anos está em franca atividade porque tem seu organismo resguardado. No Brasil, um jogador de 30 anos está exausto, cheio de contusões, fica mais parado no departamento médico do que em campo jogando. Eu, por exemplo, neste ano, já joguei sessenta e tantos jogos. Se eu tivesse 30 anos, como estaria? O Carpegiani é um dos caras que mais sofrem com esse excesso. Joga duas, fica uma fora e assim por diante. Não há tempo para recuperação.

Se você por acaso fosse presidente da CBD, que medidas tomaria de imediato em benefício do jogador de futebol?

— Seria essa questão do calendário, estabelecendo um limite de jogos. Outra: melhorar o nível dos espetáculos, não equiparando os jogos de médio porte com um clássico no preço do ingresso. Eu acho que o povo tem condições de pagar um pouco mais por um bom espetáculo, para que os clubes não fiquem nessa situação que estão hoje.

Gostáramos de saber como você se coloca em relação a certas questões nacionais que interessam a todo o povo, inclusive, é claro, os torcedores. Por exemplo, a anistia.

— Sou a favor.

Você acha que ela devia ser irrestrita?

— É muito difícil a gente analisar um problema em que não se está inteirado. Eu acredito que para aqueles que foram injustiçados deve ser feita justiça. Agora eu acho que os

caras devem pagar pelos crimes que cometeram. São casos que devem ser estudados pelos entendedores, pelo menos para que os caras não paguem por aquilo que não fizeram. A abertura política nesse caso está sendo importante.

Você acredita que a abertura está efetivamente existindo?

— Até certo ponto.



Como você nota essa abertura?

— Principalmente pelos meios de comunicação, Tv, jornais, etc... Agora a nossa classe profissional tem ganho muito com o governo. O governo tem nos apoiado bastante, toda a nossa regularização, etc. Então nós só temos que agradecer, porque todos os casos que enviamos lá para os ministros têm sido observados com atenção e as coisas têm caminhado.

Sob esse aspecto, o governo passado foi muito bom para a classe profissional dos jogadores.

Mas você não acha que a atuação do Zé Mário, como presidente da Associação dos Jogadores, influíu para que ele fosse afastado do Vasco?

— O problema do Zé Mário, foi mais tom o técnico, totalmente diferente.

— Ele brigou com o treinador do Vasco.

Mas ele deixou de ser um bom jogador, né? E de repente sumiu.

— Mas, é o tal negócio... você também não pode ficar parado. Porque o clube contratou um treinador... houve uma briga... houve uma confusão... então o clube, pô, tem que às vezes optar pelo treinador, mas eles já estão arrependidos, tanto que

foram tentar buscar ele de volta lá em São José dos Campos... e ele está muito bem lá e...

Segunda divisão, né?

— É, na Intermediária. Tá muito bem lá, família, todos bem. Não tem reclamado de nada.

E aquele projeto encaminhado por ele de transformar a associação em sindicato, está em andamento?

— Está. Não estamos aí com uma reunião marcada para levar ao ministro esse problema. Nossa meta é formar o sindicato aqui no Rio e depois, com outros sindicatos, formar uma representação nacional para os jogadores profissionais. Aqui no Rio quem está à frente da associação é o Carpegiani. Em São Paulo é o Palhinha.

Você não acha que se os jogadores tivessem uma união maior eles conseguiriam intervir mais diretamente na política esportiva?

— O problema dos jogadores é justamente essa falta de união. A gente faz uma associação, onde poderiam estar quase mil jogadores, como é o caso

do Rio, e na hora da reunião aparecem 50, se tanto. E, às vezes, os mais necessitados não vão.

Mas se os jogadores mais conhecidos se interessassem por isso, essas questões não poderiam ser resolvidas mais facilmente?

— Poderiam, mas você não tem tempo suficiente para se inteirar. Você não tem tempo nem de ficar com a sua família, pô. Eu, por exemplo, não posso participar de um sindicato, porque não tenho tempo para dar para o sindicato. Porque aí tem o tal negócio, se o cara é solteiro, não tem nada para fazer. Agora, eu sou casado, tenho dois filhos, me ocupo pela manhã e à tarde com treinamento, e à noite concentração e jogo. Como é que eu vou ter tempo de chegar lá em casa e dizer: Vou lá para o sindicato! Não dá, não dá condição... Então você joga domingo, descança na segunda, mas tem de ir ao clube fazer revisão médica, terça já treina e concentra para jogar na quarta. Aí na quinta é a mesma coisa... não dá tempo. O problema dos grandes nomes é esse. Eles são muito solicitados e não têm tempo para dar a outras questões.

## GERAL

Pode bater porque o João garante

Anistia para o PC

Roraima — Jogavam dois times do interior decidindo um campeonato e a equipe da casa perdia por 2 x 0, quando Joãozinho, delegado local, invadiu o campo aos berros, esculhambando com o bequinhando do seu time: “o seu froxo, já é a quinta vez seguida que aquele magrinho passa por você prá chutar na cara do gol. Dá por aí, pode bater que eu garanto”. E, virando-se para o juiz, avisou em tom ameaçador: “E o senhor trata de não marcar nada”. Final de jogo — time do delegado 3 x 2.

PORTO ALEGRE — Com o campeonato praticamente na mão, o grêmio deve ter nas próximas convocações mais um de seus jogadores na seleção. Comendo a bola, dando nova categoria ao meio-campo do tricolor gaúcho, Paulo César Lima já está na lista do Coutinho, que aliás, chamando o jogador, se redimiria da sua barração na Copa da Argentina quando preferiu o Romeu, que acabou não jogando uma só vez.



## De gol em gol

No Campeonato Carioca de 1941, vencido pelo Fluminense, Silvio Pirilo, do Flamengo marcou 39 gols em 28 partidas. Foi a maior marca atingida, até então, por um goleador carioca. Passaram-se quase 40 anos e só agora o recorde de Pirilo corre o risco de ser batido por

Zico. Afinal, o que há de parecido entre ele e Pirilo? Por que o recorde levou tanto tempo para ser ameaçado? Fizemos essas perguntas a dois grandes craques do futebol brasileiro: Vavá e Nilton Santos.

### VAVÁ

O Pirilo era um jogador de grande técnica, nunca precisou de um técnico para dizer o que deveria ou não fazer. Ao contrário dos atacantes da época, não ficava estacionado na área. Movimentava-se com grande facilidade do meio-campo ao ataque, obrigando a defesa

a marcá-lo severamente. Mas Pirilo fugia dessa marcação procurando os espaços livres do campo, causando confusão na defesa, que quase sempre marcava por zona.

— Quanto a Zico pouco posso dizer, já que há 10 anos não vou ao Maracanã.

### NILTON SANTOS

Quando eu joguei contra o Silvio Pirilo ele já estava em final de carreira no Botafogo. Apesar da idade, tinha uma facilidade muito grande de se desmarcar, de fugir da marcação cerrada. Era um homem de área, mas não tinha a velocidade que já se exigia naquele tempo.

— O Zico é um jogador que agora, aos 26 anos, encontra-se no melhor de sua fase. Ele está sempre participando das jogadas iniciais, armando o ataque e depois finalizando jogadas que ele mesmo armou. Dentro da grande área, normalmente, ele bate de primeira.